



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS IV**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**EDIVAN LIMA DE OLIVEIRA**  
**ALESANDRA ALVES MASCIM**

**VALORIZAÇÃO DO LUGAR E DA PRODUÇÃO DE FLORES DO POVOADO DE  
GENIPAPO NO MUNICÍPIO DE SAÚDE-BA**

JACOBINA-BA  
2021

EDIVAN LIMA DE OLIVEIRA  
ALESANDRA ALVES MASCIM

VALORIZAÇÃO DO LUGAR E DA PRODUÇÃO DE FLORES DO POVOADO DE  
GENIPAPO NO MUNICÍPIO DE SAÚDE-BA

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC do  
Curso de Licenciatura Plena em Geografia,  
apresentado ao Departamento de Ciências  
Humanas - Campus IV, da Universidade do  
Estado da Bahia - UNEB.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. MS Paula Regina de  
Oliveira Cordeiro

JACOBINA-BA

2021

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH  
CAMPUS IV JACOBINA  
LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

Edivan Lima de Oliveira

Alessandra Alves Mascim

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à banca examinadora abaixo relacionada, constituída pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Ciências Humanas (DCH) Campus IV-Jacobina, como requisito de avaliação parcial do componente curricular do curso de Licenciatura em Geografia.

**BANCA EXAMINADORA:**

*Paula Regina de O. Cordeiro*

Orientadora Paula Regina de Oliveira Cordeiro

*Jamille da Silva Lima*

Jamille da Silva Lima

*Luiza Cristina Silva Silva*

Luiza Cristina Silva Silva

Aprovada em: 15 de julho de 2022

**JACOBINA - BA  
2022**



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO DE TRABALHO  
DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Monografia  Artigo  Dissertação  Tese

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, autorizo a Universidade do Estado da Bahia – UNEB, a disponibilizar por meio do Repositório Institucional Saber Aberto, endereço eletrônico: <http://saberaberto.uneb.br/>, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o texto integral da obra supracitada, para fins de divulgação e de preservação digital da produção científica brasileira, a partir desta data.

**Identificação:**

Autor	Edivan Lima de Oliveira Alesandra Alves Mascim
E:mail	Limaedivan9@gmail.com
Título	Valorização do lugar e da produção de flores do povoado de Genipapo no município de Saúde-BA
Orientador (a)	Paula Regina de Oliveira Cordeiro
Campus/Curso/ Programa	Departamento de Ciências Humanas Campus IV
Data de defesa	15 de julho de 2022

**LICENÇA DE DIREITO AUTORAL**

Na qualidade de titular dos direitos de autor do conteúdo supracitado, autorizo a Universidade do Estado da Bahia a disponibilizar a obra, gratuitamente, de acordo com a licença pública Creative Commons, Licença 4.0 Unported por mim declarada sob as seguintes condições:

Permitir uso comercial da obra?  Sim  Não

Permitir modificações em sua obra?

Sim

Sim, contanto que outros compartilhem pela mesma licença

Não

A obra continua protegida por direito autoral e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido.

---

Assinatura do Autor

**15 de abril de 2026**  
Data de autorização.

*Dedicamos este trabalho:*

*Aos nossos familiares, colegas e professores pela  
compreensão, carinho e dedicação que nos  
incentivaram a cumprir esta etapa da nossa vida.*

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus pelo dom da vida e oportunidades concebidas na realização deste trabalho;

Aos nossos familiares que sempre nos apoiaram nas nossas dinâmicas acadêmicas e compreenderam nossas decisões, além do incentivo diário;

À professora MS Paula Regina Cordeiro;

À banca examinadora - MS. Luíza Cristina Silva Silva e Jamile da Silva Lima

Ao professor Dr. Marccone Denys dos Reis Nunes;

Ao povo de Genipapo, principalmente os grupos familiares e agricultores da Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Genipapo;

Ao professor Normilson, Edízio Caetano, ao Valber Santana, ao Ruydivan Oliveira e ao Sabino Neto que não mediram esforços a nos ajudar com informações importantes e fundamentais para execução do trabalho;

Aos amigos e colegas em especial a Edvanio Almeida, Elber Aristovolu, Olívia e Iasmin Santana, por tamanha preocupação em concederem parte de seu tempo e suas colaborações parceiras;

Aos professores do Campus IV da UNEB que contribuíram diretamente na nossa formação e que tivemos a honra de tê-los como nossos orientadores/colaboradores durante todo esse período acadêmico.

À Auciclei Rodrigues pelo apoio e incentivo às técnicas aplicadas no campo.

# VALORIZAÇÃO DO LUGAR E DA PRODUÇÃO DE FLORES DO POVOADO DE GENIPAPO NO MUNICÍPIO DE SAÚDE-BA

## RESUMO

A floricultura vem se destacando com muita constância na agricultura, sobretudo brasileira. São plantas que apresentam uma beleza inexplicável que quando bem arranjadas, contribuem para elegância dos ambientes para os quais cada momento tem a sua especificidade, como casamentos, aniversários, festas religiosas, dia das mães, dos namorados, natal, ano novo ou até mesmo singela homenagem a alguém. Por isso, busca-se valorizar a floricultura e sua relação com o lugar quanto categoria de análise da Geografia. Este trabalho aborda sobre o povoado de Genipapo em Saúde - Bahia objetivando descrever a importância da floricultura para esses trabalhadores e habitantes do povoado, bem como relatar o processo evolutivo do povoado e da Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Genipapo, além de buscar entender o processo de produção das flores, do plantio até os motivos que levam à comercialização, pois julga-se como um processo de produção importante para os envolvidos, desde produtores locais aos consumidores, assim como também compreender as problemáticas que fizeram minguar a produção. Os dados foram obtidos através da pesquisa qualitativa, especialmente entrevistas não estruturadas, observação participante, pesquisa de campo e bibliográfica, foram coletados dados e informações inerentes ao objeto de estudo que resultou em uma fantástica viagem ao passado e no conhecimento voltado à produção de flores. Identificou-se que a produção de flores em Genipapo enfrenta algumas dificuldades que, no decorrer deste trabalho, serão elencadas, discutidas e apresentados possibilidades para solução.

Palavras-chave: Espaço. Lugar. Floricultura. Produção. Associação.

# **VALUATION OF PLACE AND FLOWER PRODUCTION IN THE GENIPAPO PEOPLE IN THE MUNICIPALITY OF SAÚDE-BA**

## **RESUME**

Floriculture has been standing out with great constancy in agriculture, especially in Brazil. These are plants that present an inexplicable beauty that, when well arranged, contribute to the elegance of environments for which each moment has its specificity, such as weddings, birthdays, religious parties, Mother's Day, Valentine's Day, Christmas, New Year's or even simple tribute to someone. Therefore, it seeks to value floriculture and its relationship with the place as a category of analysis of Geography. This work deals with the village of Genipapo em Saúde - Bahia aiming to describe the importance of floriculture for these workers and inhabitants of the village, as well as reporting the evolutionary process of the village and the Association of Small Rural Producers of Genipapo, in addition to seeking to understand the process of flower production, from planting to the reasons that lead to commercialization, as it is considered an important production process for those involved, from local producers to consumers, as well as understanding the problems that made production dwindle. Data were obtained through qualitative research, especially unstructured interviews, participant observation, field and bibliographic research, data and information inherent to the object of study were collected, which resulted in a fantastic trip to the past and knowledge focused on the production of flowers. It was identified that the production of flowers in Genipapo faces some difficulties that, in the course of this work, will be listed, discussed and presented possibilities for solution.

Keywords: Space. Place. Floriculture. Production. Association.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Igreja das Figuras no município de Caém-BA.....	18
Figura 2 – Mapa de localização do município de Saúde-BA.....	19
Figura 3 – Cachoeira do Paulista.....	22
Figura 4 – Cachoeira do gelo.....	23
Figura 5 – Cachoeira do Paiaiá.....	24
Figura 6 – Mapa de localização das principais cachoeiras em Saúde-BA.....	25
Figura 7 – População de Saúde-BA entre 1991 e 2010.....	27
Figura 8 – Jenipapeiro no centro do povoado de Genipapo.....	30
Figura 9 – Mapa de localização do povoado de Genipapo em Saúde-BA.....	32
Figura 10 – Sede da Associação Comunitária dos Pequenos Produtores Rurais de Genipapo.....	34
Figura 11 – Horta comunitária em Genipapo, 1996.....	36
Figura 12 – Mapa de localização da área pertencente a ACPPRG.....	39
Figura 13 – Cultivo de hortaliças e coco.....	42
Figura 14 – Esquema representativo do processo de produção do povoado de Genipapo.....	46
Figura 15 – Sistema de curvas de nível.....	48
Figura 16 – Barragem de Genipapo.....	48
Figura 17 – Esquema representativo do sistema de abastecimento de água dos reservatórios da ACPPRG.....	49
Figura 18 – Métodos de irrigação.....	50
Figura 19 – Alfinete, margarida e sorriso de Maria.....	52
Figura 20 – Enxerto com estaquia/estacas.....	53
Figura 21 – Colheita de rosas na floricultura da ACPPRG.....	55
Figura 22 – O decorador ao saber fazer e o resultado.....	57
Figura 23 – Precipitação ocorrida em 2 de abril de 2019.....	66

## LISTA DE SIGLAS

ACPPRG	Associação Comunitária dos Pequenos Produtores Rurais de Genipapo
APL	Arranjos Produtivos Locais
FAEB	Federação da Agricultura e Pecuária da Bahia
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas
IBRAFLOR	Instituto Brasileiro de Flores
IEA	Instituto de Economia Agrícola
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LASP	Laboratório de Análises de Solo e Plantas
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 – GEOGRAFIA HISTÓRICA DE SAÚDE-BA E DE GENIPAPO.....	16
1.1 Saúde: do vale à cidade.....	16
1.2 Genipapo: aqui é o meu lugar.....	28
CAPÍTULO 2 – FLORICULTURA DE GENIPAPO: FONTE DE RENDA E ENCANTOS.....	34
2.1 Contexto histórico/agrário.....	35
2.2 Iniciação à produção e seus responsáveis.....	41
2.3 Do processo de produção ao consumo.....	44
2.3.1 Processo de Produção.....	60
CAPÍTULO 3 – DESAFIOS E POSSIBILIDADES.....	60
3.1 Desafios.....	61
3.1.1 Desistência de associados e falta de mão de obra.....	62
3.1.2 As queimadas.....	64
3.1.3 Enchente de 2019.....	65
3.2 Possibilidades.....	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
REFERÊNCIAS.....	78
ANEXOS.....	80

## INTRODUÇÃO

Em decorrência da importância local e do aumento de exigência do mercado consumidor, assim como do alto valor agregado das espécies ornamentais, atualmente a floricultura é uma das atividades importantes para a agricultura. Acredita-se que a flora brasileira seja peculiar e privilegiada por conta das condições climáticas e da posição estratégica do país, favorecendo o setor da produção de flores e da agricultura de modo geral.

Dois requisitos importantes e fundamentais para a expansão da agricultura no Brasil fazendo com o que o favorecimento seja consumado, neste caso, a presença de terra e água. “Acrescente-se a isso que a tropicalidade dominante em nossas terras representa um requisito adicional de grande utilidade para a agricultura”. (ALENTENJANO, 2011, p. 76)

Além desses fatores/requisitos, ressalta-se alguns aspectos que evidenciam a visibilidade destas plantas cultivadas por suas belezas e exuberâncias considerando o objetivo comercial, no entanto são muito apreciadas na arquitetura de interiores e no paisagismo de espaços externos, tais quais, as flores, aromas, folhagem, texturas, formato de caule entre outros que formam caracteres visualmente agradáveis, são características que outrossim, instigaram produtores a investir nesta atividade.

Em razão desses e de outros fatores e curiosidades acaçapados na cultura florística, com este trabalho buscamos investigar e entender a forma como acontece a movimentação da produção das flores no povoado de Genipapo situado no município de Saúde – Bahia da sua fundação, da fundação da Associação Comunitária dos Pequenos Produtores Rurais de Genipapo, os principais envolvidos até o consumidor final das flores, como também analisar e descrever as contribuições da produção de flores para o desenvolvimento socioeconômico do povoado.

Esta proposta surge da necessidade de evidenciar e tornar escrito sobre a importância da floricultura para esses trabalhadores e habitantes do povoado de Genipapo, bem como se deu o processo evolutivo do povoado e da Associação e o entendimento do processo de produção das flores, pois julgamos como um processo de produção relevante e importante para os envolvidos, desde produtores locais aos consumidores. Isso porque faz parte da construção do espaço geográfico local, bem como suas mutações. Dessa forma, baseados na afirmação de Corrêa (2000, p. 44)

“eis o espaço geográfico, morada do homem” pretende-se descrever “a nossa morada”.

De certo modo, a floricultura é um setor que ainda possui uma pequena área de produção, pois é dominado por pequenos agricultores, mas tem potencial para sua expansão (DINIZ, 2018. p. 10). Sendo assim, além da importância financeira, não se pode perder de vista a possibilidade de expansão da atividade, neste caso, de acordo com o interesse e procura pela produção, Genipapo tende a ampliar sua produção, visando maior lucro e geração de emprego, pois conta com espaço livre para ampliação da atividade.

O povoado de Genipapo está localizado a 12 km de distância ao Sul da sede do município de Saúde-BA, microrregião de Jacobina-BA. Segundo relatos de moradores mais experientes, esse nome se deu porque existia alguns jenipapeiros (*Genipa americana*) em seu entorno. Formado entre colinas e brejos,<sup>1</sup> atualmente há um jenipapeiro localizado no centro do povoado representando a origem do nome. A população de Genipapo tem características bem afetivas, onde todos visitantes são bem vindos e bem recepcionados, é muito raro encontrar pessoas residentes lá com intenção de mudar de município, via de regra, por uma necessidade.

Sobre o lugar, utilizamos do conceito deste para atribuir ao trabalho por ser uma das categorias de análise geográficas aplicáveis coerentemente com a estrutura e a dimensão do povoado de Genipapo, considerando o espaço geográfico como “multidimensional” (CORRÊA, 2000. p. 44) . Tuan (apud HOLZER, 2003), observa que o Lugar, na linguagem coloquial, tem dois significados: um deles é a posição da sociedade e o outro é a localização espacial. Mas, além destes, tem outro mais profundo: o que possui espírito, personalidade, existe um sentido. Neste caso, remete-se a apreciação visual ou estética, e também pela audição, olfato, paladar e tato, que exigem um contato próximo e uma longa associação com o ambiente. (HOLZER, 2003. p. 120).

Sobretudo, na verdade, o lugar é onde estão as relações pessoais e o sistema de valores que direcionam as mais diversas formas de perceber e constituir a paisagem e o espaço geográfico. Trata-se de espacialidades de relações afetivas e harmoniosas com as quais desenvolvemos ao longo de nossas vidas na convivência com o lugar e com os outros. “O conceito de lugar assume um caráter subjetivo, uma

---

<sup>1</sup> Terreno baixo, plano e/ou pouco acidentado, situado entre colinas, bem irrigado e fértil.

vez que cada indivíduo já traz uma experiência direta com seu espaço, com o seu lugar, houve um profundo envolvimento com o local para adquirir tal pertencimento” (STANISKI; KUNDLATSCH; PIREHOWSKI, 2014, p. 3)

Pautados nas afirmações anteriores, por se tratar de espaço/lugar, a conquista agrária se deu, de acordo com Sabino Neto, presidente da Associação Comunitária dos Pequenos Produtores Rurais de Genipapo - ACPPRG, através de uma parceria da Igreja Católica Matriz da Paróquia de Nossa Senhora da Saúde por seu administrador paroquial da época – Padre Horestes Heinen com um fazendeiro então proprietário. Vendo a necessidade de ajudar a população interessada em cultivar alimentos, o fazendeiro e o administrador paroquial acordaram em negociar a propriedade, ambos com o intuito de ajudar as pessoas do lugar. A referida propriedade, soma pouco mais de 07 tarefas, o equivalente a pouco mais de 30.000 m<sup>2</sup>.

As negociações foram determinantes para a Igreja desenvolver sua função social ajudando aos produtores/famílias que na época, buscavam melhorias de vida e essa parceria foi importante fortalecendo e mantendo o abrigo e sobrevivência das famílias, principalmente as vinculadas à Associação. Atualmente, o número de pessoas associadas já não é mais o mesmo, os tempos mudaram e as condições também, algumas de trabalho, outras de recursos fora da agricultura, etc. A redução no número de associados e trabalhadores é um problema enfrentado pela entidade. Além deste, em 2019, vieram as enchentes e modificaram o solo, a vegetação, reduzindo também a produção. Além disso, algo muito comum em lavouras como em Genipapo são as alterações no solo por causa das queimadas. Alguns produtores julgam as queimadas como uma ação correta e nutritiva para o solo e os produtos que podem ser desenvolvidos, mesmo em pequenas proporções.

Antes das dificuldades surgirem, a associação contava com muitas vendas, principalmente nos meses de maio, junho, novembro e dezembro, porque as flores produzidas eram distribuídas preponderantemente na cidade de Saúde-BA, que é sede do município. Além de tal, a produção era vendida para Senhor do Bonfim, Jacobina, Capim Grosso, Caldeirão Grande e Caém em quantidades que resultaram na ampliação e fortalecimento da ACPPRG.

Para conduzir a produção deste trabalho, fez-se necessário a abordagem de uma pesquisa qualitativa (qualitativa-descritiva), focados na observação participante e pesquisa de campo. Cada vez mais têm-se adotado nas pesquisas geográficas

qualitativas, técnicas e procedimentos como forma de aprimorar os conhecimentos e de entendimento com maior precisão sobre a realidade pesquisada. Os estudos qualitativos contam com elementos essenciais, como a capacidade e a sensibilidade do olhar do pesquisador de buscar os resultados, deixando-se guiar pelo campo e considerando o ponto de vista das pessoas envolvidas (SOUZA, 2013. p. 55).

No diálogo com os associados, moradores e consumidores eleva-se a importância da observação participante, pois “o pesquisador produz as informações por meio de sua inserção e participação no cotidiano do grupo, comunidade ou organização que estuda” (SILVA; MENDES, 2013, p. 216). Além disso, a entrevista (não estruturada) foi/é primordial para o levantamento de dados neste estudo porque assim como a observação, a entrevista “constitui uma das técnicas qualitativas mais utilizadas nas investigações científicas que envolvem os sujeitos sociais, em virtude de sua eficiência na produção de informações, tanto no âmbito social quanto no cultural” (SILVA; MENDES, 2013, p. 216). Para Marconi e Lakatos (2007, p. 215) “esse procedimento é visto como indispensável para a aquisição direta de informações essencialmente qualitativas”. Dessa forma, o pesquisador tende a tornar-se parte do ambiente natural dos sujeitos porque pode registrar suas próprias experiências, com o intuito de compreender como os sujeitos agem e dão sentido ao seu cotidiano.

Para tanto, é necessário que o pesquisador observe atentamente aos detalhes provocados durante visitas no lócus do objeto de estudo porque quanto mais riqueza de detalhes, mais facilita na articulação e desenvolvimento claro do trabalho final. Assim sendo, o campo deve se basear na totalidade do espaço, sem esquecer os arranjos específicos que tornam cada lugar, uma articulação particular de fatores físicos e humanos (SERPA, 2006. p. 10). Portanto, o momento do trabalho de campo representa o contato do cientista com a realidade/objeto de estudo, é o momento de conhecê-la melhor por meio de técnicas de observação com instrumento ou não (VENTURI, 2006. p. 76). O trabalho de campo enquanto método de pesquisa dos mais importantes para a produção do conhecimento geográfico, representa o momento em que o tema de estudo se desvenda diante dos olhos e obriga a estarmos atentos, de modo a que nada fuja à investigação (MARCOS, 2006. p. 106).

Apoiados nas expressões de Brandão (1995, apud SOUZA, 2013. p. 63), as práticas do fazer estão alicerçadas nos saberes populares e na vida cotidiana da comunidade; logo, envolvem a descrição dos atores, das cenas e dos cenários da pesquisa, no entanto chama atenção ao comportamento individual e/ou coletivo que

direciona a vida comunitária assim como as lógicas diferenciadas do pensar remetem ao sentimento identitário e à sua representação social. Esse mundo de saberes, fazeres e relações sociais e políticas possui relações constitutivas comuns a todo e qualquer viver social existente (SANTOS, 2017. p. 1). O conhecimento das formas de fazeres e saberes é um fator importante a ser observado em uma pesquisa como essa, elevando o papel da técnica, ou seja, no domínio humano, o pensar e o saber fazer andam juntos e são complementares. No processo de produção científica, a escolha das técnicas está, em primeiro lugar, relacionada à natureza do objeto de estudo e sua adequação a ele (VENTURI, 2006. p. 69-72).

Além dos procedimentos metodológicos já descritos anteriormente, ressaltamos que inicialmente foi realizado uma revisão bibliográfica em documentos arquivados com conhecidos e também na associação com o intuito de reunir informações relevantes ao tema, fundamentais para análise descritiva e aprofundamento do conhecimento sobre o assunto. Documentos como atas, projetos, regimento interno, foram essenciais para fomentar e auxiliar a realização deste trabalho, inclusive, “pesquisas bibliográficas ou de arquivo podem, pois, anteceder os primeiros passos do terreno”, podem ser o marco inicial da pesquisa no todo (KAISER, 2006. p. 99).

Em suma, para dar conta dos objetivos lançamos mão dos seguintes procedimentos: a) levantamento e leitura de material bibliográfico, baseada na reunião de diversos trabalhos (artigos, monografias, dissertações, teses, jornais, relatórios e livros, leis, decretos, regimento interno), com temas relacionados à pesquisa; b) levantamento e organização de pesquisa documental, com foco no levantamento de materiais interessantes para a pesquisa em órgãos públicos; c) levantamento e organização de variáveis e indicadores relevantes para a pesquisa. É importante destacar que durante as pesquisas e vivências em campo os diálogos abertos e o ato fotográfico compuseram as atividades realizadas.

As informações aqui introduzidas evidenciam os efeitos extremamente positivos que as flores e plantas ornamentais podem trazer para todos nós e principalmente para quem lida com este tipo de trabalho. O benefício do consumo desses produtos está muito além de contribuir para uma cadeia produtiva rica, bonita e perfumada, ele se estende a melhoria de nossa qualidade de vida, não somente com o retorno financeiro, mas sim a qualidade da nossa própria saúde. Todavia, este trabalho, destaca-se o emprego e função da floricultura tornando-a em evidência e

descrever características históricas e geográficas do povoado de Genipapo e da cidade de Saúde-BA, o processo de produção de flores, os problemas e desafios encontrados e as possibilidades de melhorias que serão apresentados no decorrer dos próximos capítulos.

## **CAPÍTULO 1 – GEOGRAFIA HISTÓRICA DE SAÚDE-BA E DE GENIPAPO**

### **1.1 Saúde: do vale à cidade**

Pensar numa cidade com uma titularidade de tamanha importância denota a riqueza e beleza deste lugar. Em um sentido etimológico, de nada adiantaria o contrassenso do conhecimento histórico da nomenclatura. Habitar, residir, apenas, não é o suficiente para situar o “saudense” ao contexto histórico da cidade tendo como base o empirismo. Dos antigos habitantes aos mais recentes, esta denominação remete a boa vivência devido a uma diversidade de fatores. Em acessão com Raimundo Moraes Pereira (2004, p. 19), “Saúde, muitos sabem de sua existência, suas belezas naturais”, desde “serras bonitas, adornadas” às “cachoeiras e rios de águas límpidas” além do “clima adorável”, porém “poucos sabem sua história, como nasceu e como vem crescendo”.

Pautados na assertiva do autor ora citado, cabe-nos entender que historicamente, Saúde pertencia ao território de Jacobina-Bahia, município que originou os outros 07 municípios (que constituem o Território de Identidade do Piemonte da Diamantina) e de acordo com pesquisas indicia que já era habitada desde o Descobrimento pelos índios sapoiás, *Payayás*, *tocós*, *secaquerinhens*, todos pertencentes ao grupo dos quirirís, formando a grande nação dos Tapuias em toda a região de vegetação baixa e espinhosa que formava o sertão. (CODETER, 2017. p. 5). “Saúde realmente fazia parte do município de Jacobina até o Decreto nº 8463 de 1 de junho de 1933” (ALMEIDA, 1998. p. 9).

Segundo Pereira (2004, p. 14), os primeiros habitantes a se povoarem no município foram os *Payayás* que viviam em mata virgem às margens dos importantes rios existentes no município e em cidades vizinhas como Jacobina, por exemplo - os

rios Itapicuru-Mirim, Itapicuru-Açu, Rio Paiaí<sup>2</sup> e Rio das Pedras, onde formaram grandes aldeamentos. Dentre os fatores que atraíram os povos a esta região destacamos a largueza de seus campos entre as serras, a abundância de água, fertilidade de suas planícies e a formação da vegetação e relevo. A forma como as famílias ocupavam o espaço e as trocas de mercadorias foram determinantes para união e proximidade de duas aldeias se transformaram quase uma área só, pois a distância reduzia-se fortalecendo os laços comunitários que se manifestavam nos rituais indígenas ou mediante a realização de algumas formas de cooperação (mutirão, auxílio).

Uma das primeiras aldeias foi em Itacurubi (localizada a 15 km da sede) que havia um pátio largo onde uma praça fechava a área. “As casas eram de pau-a-pique e sapé cercado pelo mato”, podiam ser feitas em qualquer lugar só não podia dizer “aquilo é meu”, mesmo assim, os grupos acabavam identificados aos roçados como acontecia nas aldeias de Itacurubi e Canabrava distantes 6 km de um centro ao outro de cada povoado. Entretanto, existia regra entre eles no contexto agrário, no entanto mudavam de localização frequentemente, inclusive em busca de melhores condições de sobrevivência. (PEREIRA, 2004. p. 21).

Nessas aldeias, havia uma posse comunal da terra, pois os cultivos em extensão podiam ser utilizados à vontade por cada grupo familiar (PEREIRA, 2004. p. 22). Tinham como atividades econômicas a pesca por armadilhas, coleta nos manguezais, produziam farinha de mandioca, artesanatos (colher de pau, cestos, esteira, armas) era feita a troca informal desses materiais entre eles próprios. Atualmente, no povoado de Canabrava, a cultura da farinha e do beiju é uma herança dos indígenas e conta com pessoas que realizam o trabalho para ser comercializado nas feiras livres de Saúde, Pindobaçu e Caém, além de sua própria alimentação e não mais como trocas, como acontecia.

A partir do ano de 1586 a interiorização e o povoamento da Bahia foi trabalho relevante e pioneiro dos bandeirantes, principalmente na busca das riquezas do piemonte das “Lavras Diamantina”, onde muitos bandeirantes se deslocaram para essa região em busca de ouro e outras preciosidades (PEREIRA, 2004. p. 24). De

---

<sup>2</sup> O termo “Paiaí”, nesta grafia, faz referência culturalmente ao Rio Paiaí e ao Povoado de Paiaí lembrando os primeiros habitantes com a grafia diferente – referidos pelo etnônimo brasileiro **Payayá**, constituem um grupo étnico da família linguística Kariri, estão presentes, sobretudo, na região da Chapada Diamantina, estado da Bahia.

acordo com Violeta Odete de Almeida (1998, p. 12), “Saúde era um lugar de mineração que atraiu aventureiros bandeirantes ambiciosos” que partiram, principalmente da região da cidade de Cachoeira-BA “em busca de ouro e pedras preciosas”. Grupos de pessoas que estavam com dificuldades de sobrevivência na região litorânea como Conde e Santo Amaro vieram e ocuparam espaços nos relevos mais elevados, nas planícies, e nas margens dos rios, principalmente, onde dedicaram-se à lavoura e criação de animais (PEREIRA, 2004. p. 24). Muitos acompanharam a trajetória do rio Itapicuru-Açu alcançando as terras de Jacobina. A partir de então, descobriram outros rios como o das Pedras e Paiaíá onde logo, logo povoaram e confrontaram com os que já existiam na região - os índios, promovendo combates com centenas de mortes tanto de indígenas quanto de emigrantes (PEREIRA, 2004. p. 24). Diante disso, vários povoamentos foram se formando dando origem a alguns dos municípios atuais, como o Vale do Papagaio que deu origem ao atual município de Saúde.

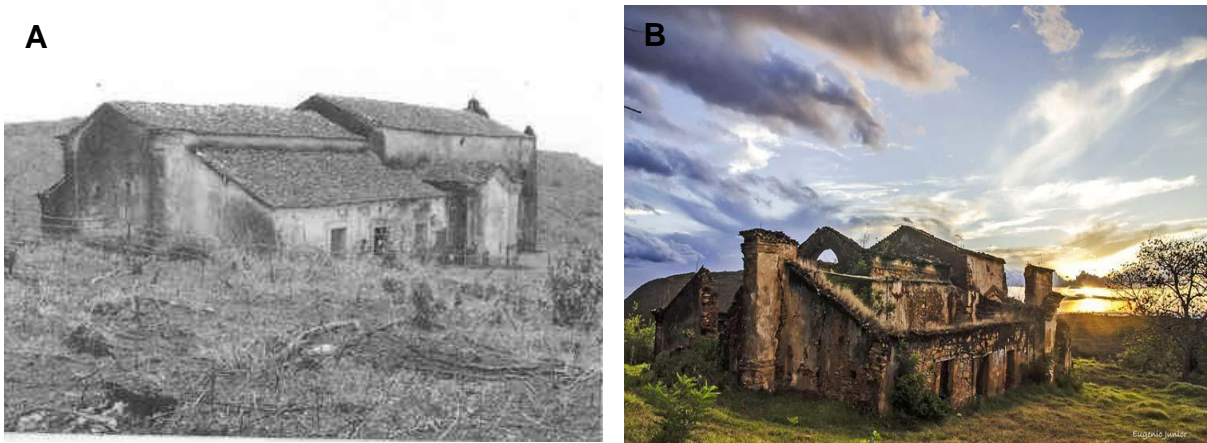
O Vale do Papagaio em 1582 pertenceu à Vila de Missão do Sahy, localizado atualmente sob jurisdição do Município de Senhor do Bonfim-BA. Em 1706 foi fundada a Missão de Bom Jesus da Glória em Jacobina-BA e em 1752 por determinação do 4º Arcebispo da Bahia, D. José Botelho de Matos, foi transferida a freguesia de Missão do Sahy para o Bom Jesus da Glória e o Vale do Papagaio passou a integrar ao município de Jacobina-BA. (PEREIRA, 2004. p. 25).

Em 1584, um grupo com 290 bandeirantes coordenado por João Coelho de Souza se dirigiu às terras de Jacobina e chegaram ao Morro do Chapéu-BA e seguiram à direção norte objetivando chegar ao São Francisco. Chegaram a Serra das Figuras no município de Caém, a 16 km ao sul de Saúde, onde encontraram ouro. Continuando no mesmo sentido, alcançaram a Serra da Jaqueira, da Maravilha e das Biquinhas, já no município de Saúde, onde também encontraram muito ouro. Frente a muitos conflitos, João Coelho preparou então um roteiro e entregou, antes de falecer, ao seu irmão Gabriel Soares, que ao saber da vasta quantidade de ouro decidiu executar o roteiro em uma expedição com 360 homens. A expedição foi dividida e parte desta chegou ao Vale do Papagaio, onde já havia moradores. Os assentamentos do grupo junto aos que já estavam e outros que vieram posteriormente, a extração do ouro movimentou o comércio e sua intensificação atraiu mais grupos de pessoas, até que em 1701, uma grande enchente fez com o que a população procurasse relevos mais altos e mais seguros frente à novas enchentes

que viessem acontecer, dessa forma denominaram como Alto da Saúde (atualmente, Praça da Bandeira, centro da cidade), devido ao clima e por estarem “livres das enchentes” e preservados. (PEREIRA, 2004. p. 29-31).

Em 1724 e 1725, já com a mudança de Alto da Saúde para Arraial<sup>3</sup> do Alto da Saúde, houve um intenso crescimento dos povos e de residências que foram construídas por comerciantes e por mineradores garimpeiros, além do desenvolvimento na atividade de agropecuária. Entre os mineradores e garimpeiros que garimpavam nas terras do Arraial do Alto da Saúde, destacam-se João Romão Gramacho Falcão construtor da Igreja de São Miguel, na Serra das Figuras (Figura 1), hoje em estado de ruínas mas ainda são celebrados comemorações religiosas - missas, na data celebrativa a São Miguel Arcanjo. Em 1776, João Romão, junto com 52 homens, partiram para Serra da Maravilha onde escavaram e encontraram muito ouro, mas faleceu em 1797 (PEREIRA, 2004. p. 42).

**Figura 1:** Igreja das Figuras: 1979 (A) e 2020 (B).



Fonte: Facebook imagens dos sertões; Eugênio Júnior, 2021.

Em 1838, foi criada a Freguesia de Nossa Senhora da Saúde. O Arraial de Nossa Senhora da Saúde passou a ser administrado pelas autoridades da nova cidade de Jacobina em razão da sua elevação à categoria desde julho de 1880. Em 1914, Saúde é elevada à categoria de Vila<sup>4</sup>, denominada de acordo com a Lei 1024/1914 pelo governador J J Seabra como Vila Saúde. Em 1933, o município de Saúde foi elevado à categoria de Cidade denominada “Cidade de Saúde” de acordo

<sup>3</sup>Lugar pequeno e temporário; lugarejo temporário em que determinados trabalhadores desenvolvem atividades de extração, geralmente, relacionadas com o garimpo, a mineração etc.

<sup>4</sup> Povoação de categoria inferior à de cidade, mas superior à de aldeia, de arraial.

com o Decreto 8463/1933 assinado por o Sr. Interventor<sup>5</sup> da Bahia Juracy Montenegro Magalhães (PEREIRA, 2004. p. 56). Como narra o autor, em 1930 com a dissolução do Congresso Nacional e a não aprovação da constituição de 1891, os Governadores foram substituídos por Interventores, e os municípios passaram a ter seus prefeitos nomeados pelos Interventores Estaduais. Ainda como Vila, Saúde recebeu como primeiro Prefeito Intendente o Sr. Joaquim Valois Coutinho no ano de 1914 onde permaneceu no governo até 1920, tendo como sucessor o Sr. Antônio Miranda, governou de 1920 a 1924 quando o Sr. Ajérico Francisco de Moraes foi nomeado até 1930, tendo como sucessor o Sr. José da Costa Lima. Nesse acontecimento, Saúde já havia sido elevada à categoria de cidade que teve seu primeiro prefeito eleito a voto popular no ano de 1946, após a Segunda Guerra Mundial, nas eleições gerais no Brasil, sendo eleito Prefeito Municipal o Sr. Edgard Agnelo Pereira, pelo Partido Social Democrático - PSD (1947-1950). (PEREIRA, 2004. p. 61-64).

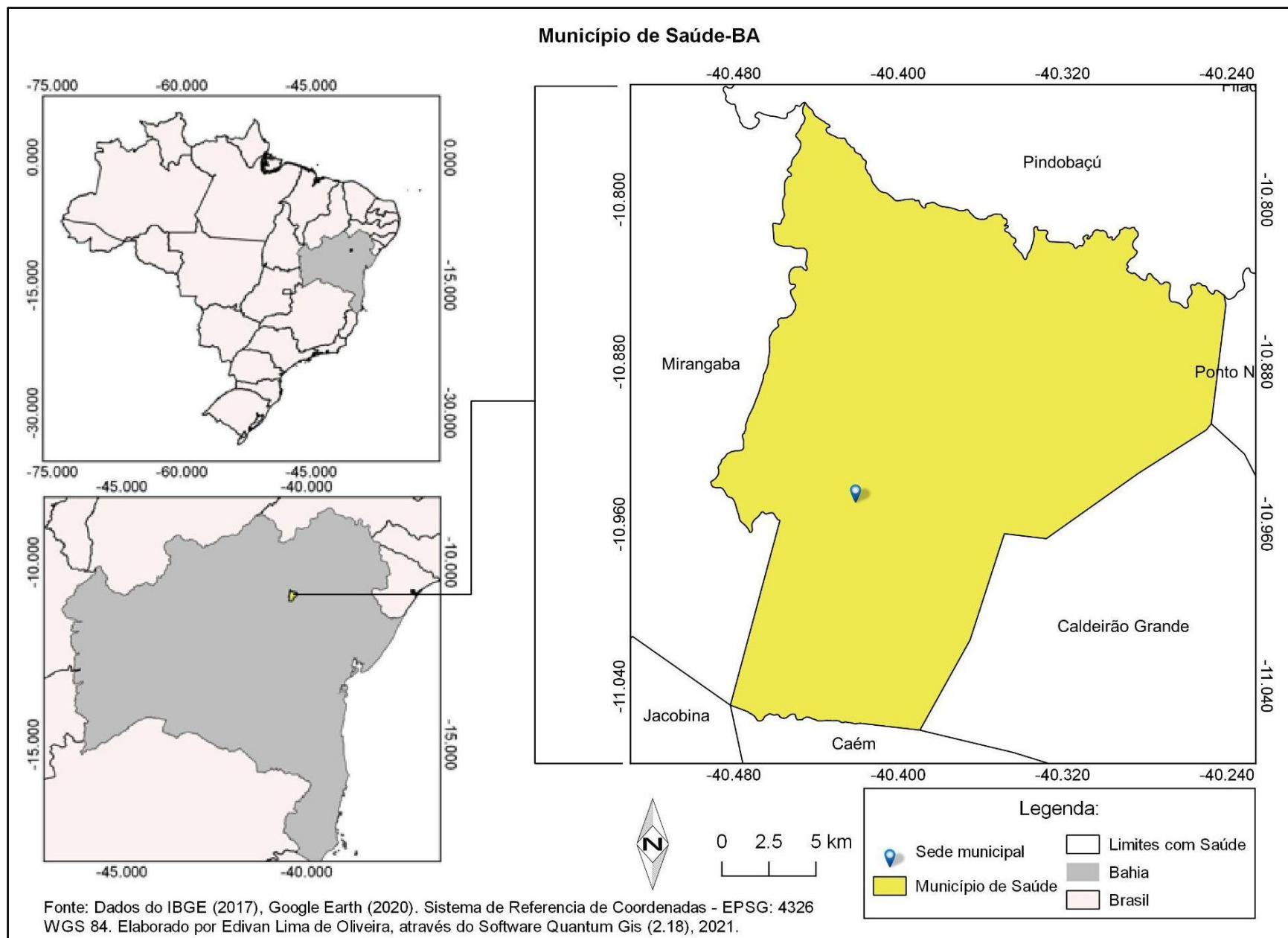
Em meio a toda essa estrutura relacionada ao contexto histórico do município de Saúde, de acordo com Pereira (2004, p. 57) cabe-nos ressaltar e evidenciar a importância educacional municipal, considerando a necessidade do acesso à escola pública, onde se deu início com a liberação, mediante Decreto pelo Governador da época, o Sr. J.J Seabra em 08 de maio de 1915, quando Saúde ainda era Vila. Em 1936, já como cidade, Saúde foi palco da inauguração do primeiro prédio escolar - a Escola Ernesto Carneiro Ribeiro, iniciada de categoria mista e atualmente atende ao Ensino Médio e Cursos Técnicos oferecidos pelo Governo do Estado.

Geograficamente, Saúde localiza-se (figura 2) com as coordenadas geográficas 10° 56' 13" ao Sul e 40° 25' 03" Oeste de Greenwich. Situa-se na região Nordeste do Brasil, no estado da Bahia, localizado na mesorregião Centro-norte baiano na microrregião de Jacobina fazendo parte do Território de Identidade do Piemonte da Diamantina juntamente com Caém, Capim Grosso, Jacobina, Miguel Calmon, Mirangaba, Ourolândia, Saúde, Serrolândia, Umburanas e Várzea Nova, cada um com sua história própria de formação específica, mas com muitas semelhanças que as identificam e formam sua identidade (CODETER, 2017. p. 13).

---

<sup>5</sup> Delegado do presidente da República para assumir provisoriamente o governo de um Estado membro em regime de exceção.

**Figura 2:** Mapa de localização do município de Saúde-BA.



Possui uma área total de 504 km<sup>2</sup>, distante 353 km da capital do estado - Salvador. “De um conjunto maravilhoso exibido em cenário natural de rara beleza com acidentes geográficos que se harmonizam ora em altitudes e contornos góticos, ora em suaves vales, assim se apresenta o nosso relevo”. (ALMEIDA, 1998. p. 9). A sede do município possui uma altitude de 542 m. Geomorfologia belíssima de regiões montanhosas, de vales e colinas. “Há férteis vales cortados por riachos que afluem para os principais rios: Itapicuru, Paiaíá e Rio das Pedras” (ALMEIDA, 1998. p. 12). O primeiro separa Saúde do município de Pindobaçu, ao norte. Os principais povoados do município de Saúde, atualmente são: Genipapo, Paulista, Água Branca e Itacurubi.

Devido a sua localização na chapada, apresenta microclimas que originam dias quentes e noites frias. Compreende áreas sob influência predominante de clima árido, e semiárido a sub úmido com precipitações médias anuais variando de 400 a 650 mm, 600 a 850 mm e 700 a 850 mm, respectivamente, possuindo drenagens hídricas. A vegetação do é caracterizada por uma florística singular que forma verdadeiros jardins de altitude. No entanto, encontra-se também Floresta Estacional<sup>6</sup> nas áreas de chapadas, caatinga arbórea e arbustiva distribuídos ao longo das serras, das montanhas e dos vales. (CODETER, 2017. p. 15).

A geografia turística também é algo que requer um destaque em virtude dos atrativos turísticos que são, basicamente, as belas paisagens, o relevo e também a hidrografia. Esses fatores unidos, promovem e despertam ao turista o interesse em explorar esse turismo. No município ainda não há regulamento específico para o turismo, mas existe o Código Municipal de Meio Ambiente que visa a preservação dos bens naturais patrimonializados ou não. No tocante aos centros turísticos do município, destacamos os mais visitados e mais desejados destinos: Cachoeira do Paulista, do Gelo e do Paiaíá.

A cachoeira do Paulista (Figura 3) está localizada no povoado do Paulista, segundo maior do município, a 9 km ao sul, mais 5 km a oeste da sede, coordenada geográfica 11° 0' 22.78" de latitude Sul e 40°26' 46.83" de longitude Oeste.

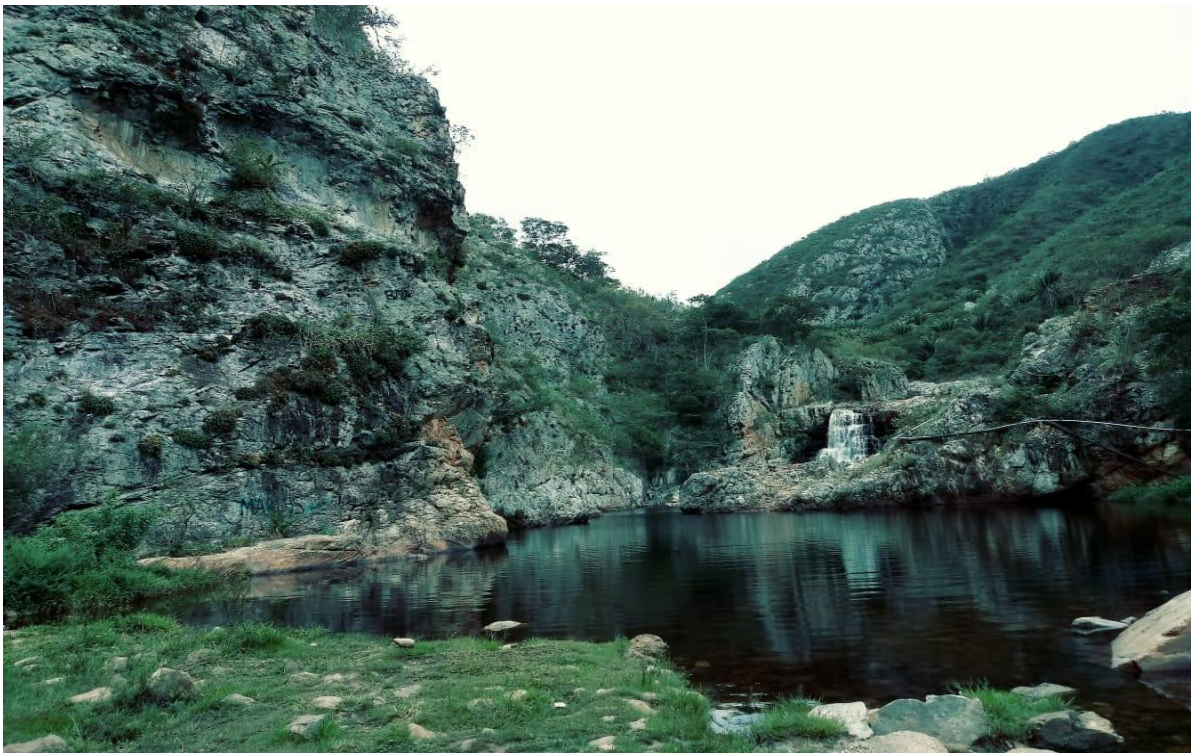
Esta é a mais visitada dentre as mencionadas, além de ficar próxima ao povoado de Genipapo, as pessoas que conhecem o povoado do Paulista, também

---

<sup>6</sup> É um ecossistema, caracterizado especialmente pelo clima, com duas estações bem marcadas: uma seca e outra chuvosa. Ambas também apresentam uma alta densidade de árvores e abrigam diversos animais e plantas menores, sendo essenciais para a sobrevivência humana e para a manutenção do ciclo de oxigênio.

desejam conhecer o povoado que é tido como referência nesta produção de rosas e outras plantas ornamentais, o acesso até a cachoeira é muito fácil, é possível a ida por meios de transportes mais comuns (carros de passeio, vans, ônibus) até 100 metros da cachoeira. Fator negativo é que, por ser mais acessível, as pessoas abusam e contribuem com a falta de respeito ao meio ambiente, deixando lixos expostos e até plásticos dentro do rio, apesar do poder público local ter sinalizado através de placas a esta questão de educação ambiental.

**Figura 3:** Cachoeira do Paulista.



**Fonte:** Dados da pesquisa, 2020.

Ainda assim, as visitas são constantes e se intensificam ainda mais no verão, estação em que as temperaturas são mais altas e provoca mais calor, fator que persuade o turista a buscar melhores ambientes. Além disso, algumas pessoas comerciantes do povoado, são beneficiados em virtude da movimentação econômica que ocorre nesses períodos.

A Cachoeira do Gelo (Figura 4), está localizada na comunidade de Lajedo, a 23 km a oeste da sede, coordenada geográfica 10° 55' 24.48" de latitude Sul e 40° 28' 35.29" de longitude Oeste. Diferentemente da cachoeira do Paulista, o acesso a esta é mais restrito e com maior dificuldade de transporte, sendo o mais acessível às motocicletas.

**Figura 4:** Cachoeira do Gelo.



**Fonte:** Dados da pesquisa, 2021.

Situada em uma localização geográfica discutida atualmente, a belíssima cachoeira é também muito visitada, por ser de difícil acesso diretamente por Saúde, algumas pessoas trafegam por Mirangaba. No entanto, é turismo de base comunitária que atrai visitantes de diversas cidades da região.

Já a Cachoeira do Paiaiá (Figura 5), localizada a 5 km ao norte mais 6 km a oeste da sede, coordenada geográfica  $10^{\circ} 54' 3.49''$  de latitude Sul e  $40^{\circ} 26' 59.34''$  de longitude Oeste, se apresenta como uma excelente alternativa para o ecoturismo. De acordo com historiadores, a origem do nome da cachoeira remonta à tribo dos índios Payayás, um dos primeiros habitantes da região. Depois de algumas porteiras e cancelas, o acesso a partir de certo ponto não é possível trafegar de automóvel ou até mesmo motocicletas. Deve-se deixar o transporte para iniciar uma maravilhosa e emocionante trilha até a cachoeira. A caminhada dura, em média, em torno de uma hora, no percurso que permeia o rio Paiaiá. Ao chegar à cachoeira, a vista é de tirar o fôlego: uma lagoa rodeada pela vegetação e aspectos morfológicos impressionantes e, ao centro, um “paredão” onde a água é jorrada abundantemente. Sua estrutura em forma esférica é enorme cujo espelho d’água é considerado um dos maiores da Bahia além de profundidades que chegam a 70 metros e a queda d’água é de

aproximadamente 62 metros sendo que as montanhas onde mais altas chegam a 900 metros de altitude.

**Figura 5:** Cachoeira do Paiajá.

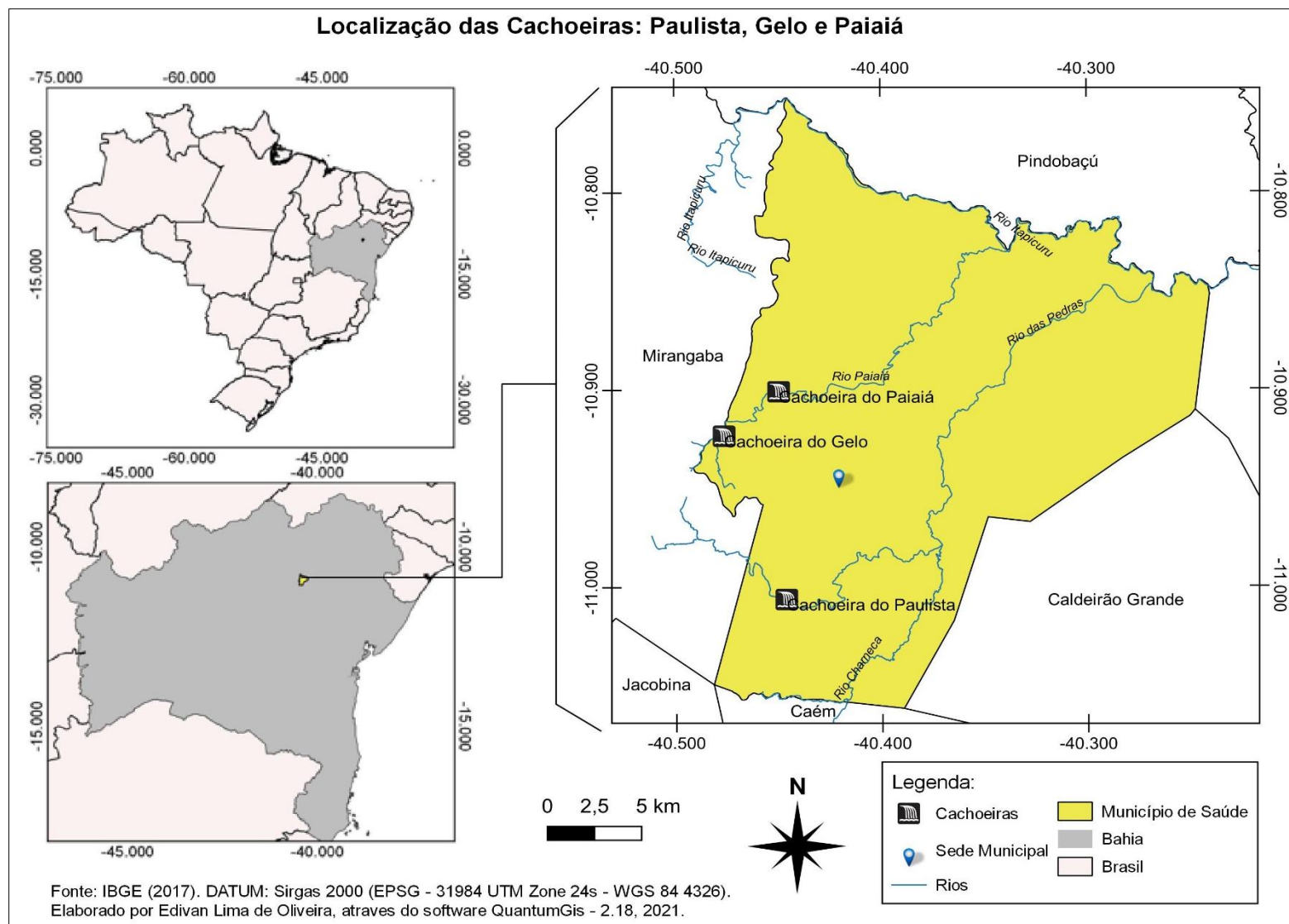


**Fonte:** Dados da pesquisa, 2021.

Diante do mundo contemporâneo onde as pessoas procuram cada vez mais estar em contato com a natureza, o ecoturismo surge como uma proposta inovadora, fazendo com que o cidadão vivencie na prática todo o potencial natural e cultural dos mais variados lugares, despertando o interesse da população em conhecer os meios sustentáveis de preservação do meio em que vivem. Essa atividade é uma característica que abrange os três pontos apresentados aqui – as cachoeiras, localizados em diferentes pontos do município (Figura 6).

Por isso, cabe entender o ecoturismo como sendo um ramo de atividade turística que utiliza de forma sustentável ao patrimônio natural e cultural, além de incentivar sua conservação e procura a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações locais e turistas. Portanto procura valorizar as premissas ambientais, sociais, culturais e econômicas e inclui a interpretação ambiental como um fator importante durante a experiência turística fazendo dos bens ofertados pela natureza, fontes de terapia e descanso mental/psicológico.

**Figura 6:** Mapa de localização das principais cachoeiras em Saúde-BA.



Apesar do excelente potencial turístico, esses rios, desde suas nascentes devem ser bem cuidados porque são neles que dispomos de uma fonte importantíssima de subsistência - a água. “A água é um elemento fundamental para a garantia de nossa vida biológica, de nossa natureza exterior” (BRUNI, 1993. p. 55). Deste modo, o autor ainda afirma que “todos os seres vivos necessitam de uma porção de água, desde a absorção de alimentos até a eliminação de resíduos”. De modo geral, independente da sua utilização, a água é essencial. Além de Saúde, outras cidades são abastecidas com água desses rios. Aqui podemos citar Pindobaçu, Caém, Jacobina, Ponto Novo, fornecida para utilização diversa através das empresas autorizadas para a realização do serviço.

Além disso, as primeiras grandes civilizações surgiram nos vales de grandes rios - assim como Saúde (Vale do Papagaio) ou seja, além da serventia já mencionada, notadamente a importância histórica descrita por grandes povoações originadas em vales, obviamente com água em abundância, podendo ser utilizada também em grandes sistemas de irrigação prevendo a prosperidade da produção.

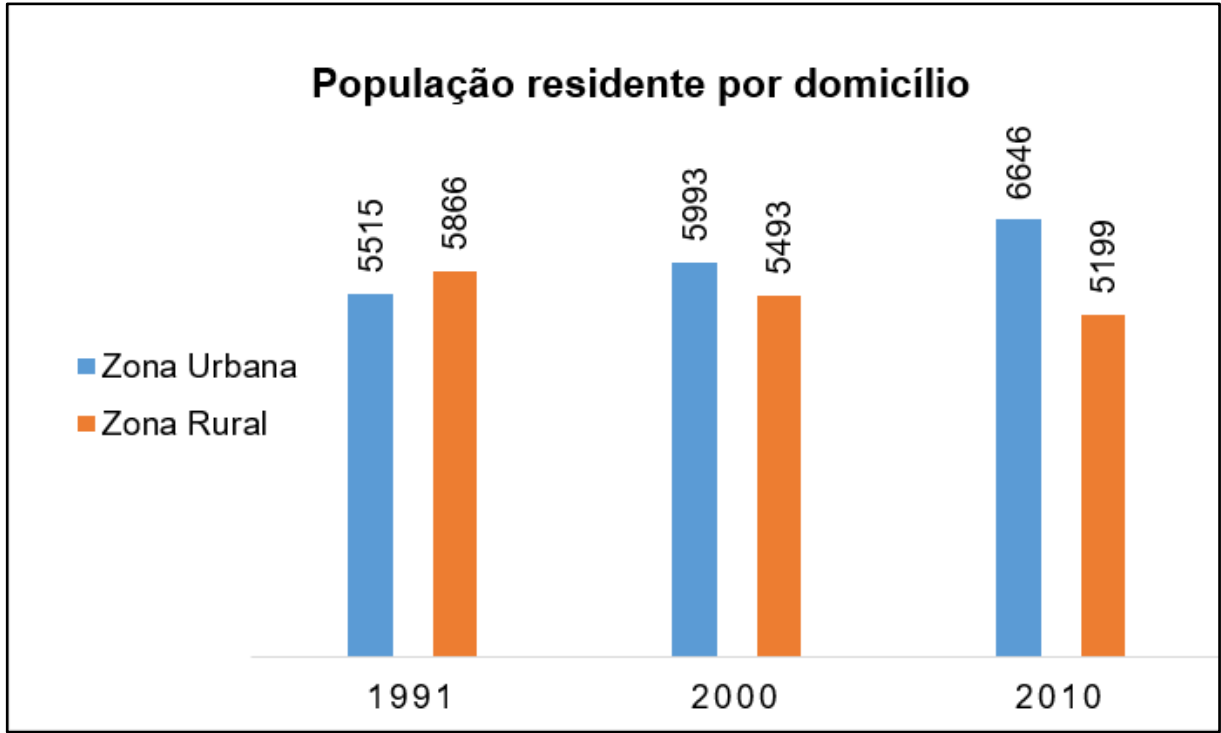
Considerando todas essas riquezas e belezas, sobretudo naturais, há relatos de que ambas foram transformadas em decorrência de alterações antrópicas no período de extração mineral. Como o acesso a equipamentos modernos era difícil, a “matéria prima do serviço era a mão-de-obra”, logo de acordo com Amélia Damiani (2002, p. 8) “a população constitui a base e o sujeito de toda a atividade humana”. Com o passar dos anos as populações foram se transformando e perseverando em alcançar melhores condições de vida e financeira.

Nesse enfoque, no que tange a população do município de Saúde, ao analisar o gráfico seguinte (Figura 7), vemos que até os anos 90 (censo 1991) a população vivia, em sua maioria, na zona rural. Dez anos depois, nos anos 2000, percebemos a inversão desse quadro e que se consolida no censo seguinte em 2010.

Isso se justifica porque dos 40 milhões de migrantes no Brasil, muitos são os que saem para depois voltar para sua área de origem. Atualmente, na nossa região é muito comum nos depararmos com relatos das pessoas que têm familiares em São Paulo, Minas Gerais, Salvador, Goiás, etc. além disso, muitos o fazem de forma intermitente: trabalhadores rurais que migram temporariamente para as cidades, em busca de trabalho na indústria, na construção civil ou no setor de serviços, objetivando majoritariamente a barganha de recursos financeiros para se reinstalar de volta à sua

terra natal; “ou que migram para outras zonas rurais aproveitando o período de entressafra de suas próprias”.(DAMIANI, 2002. p. 45).

**Figura 7:** População de Saúde-BA entre 1991 a 2010.



**Fonte:** Elaboração dos autores, 2020; dados do IBGE, 2017.

Considerando o êxodo rural como o processo de migração em massa da população do campo para as cidades, pode-se afirmar que é um fenômeno que costuma ocorrer em um período de tempo considerado curto, como o prazo de algumas décadas originando o processo de urbanização, partindo da perspectiva rural. Portanto, o município de Saúde-BA passou por inúmeros processos históricos até sua estrutura política e social atual. Pode-se perceber os impactos dos primeiros habitantes no desenvolvimento da cidade e as atividades que foram determinantes para a expansão contextualizada no presente trabalho.

## 1.2 Genipapo: aqui é o meu lugar

Conhecido como um lugar histórico e cultural sempre lembrado por suas tradições e manifestos, Genipapo traz consigo a beleza das paisagens através da geomorfologia natural apresentadas por colinas e vales. As pessoas que habitam neste lugar, dificilmente são despertados para sair. Mesmo com os grandes acontecimentos do êxodo rural nos últimos anos, Genipapo é um dos lugares que não

sofreu tanto com o fato. O amor dos moradores pelo lugar chama atenção, principalmente pela união entre as famílias.

Genipapo vem de uma cultura alegre despertada pelas famílias que transformavam trabalhos em diversão, formas de lazer, prosas como se fosse um verdadeiro centro cultural. Os conhecidos “digitórios<sup>7</sup>”, serviam como forma de conversa, de uma boa “prosa” e trabalho advindo da ajuda de grupos, de familiares, bem como serviam também como um ponto de cultura das formas de fazer, saber, das técnicas, etc. como exemplo, a casa do Sr. Alexandre Almeida que funcionava em tempo integral como juizado de pequenas causas, farmácia, Igreja, centro de cultura e festejos de janeiro a dezembro (MOURA; PEREIRA, 2016). E foi através desta casa por onde o mundo chegou a Genipapo, lá chegou o primeiro rádio à pilha da região.

Com a concepção de lugar em primazia como bem Ângelo Serpa (2017, p. 590) pontua, “lugar tem a ver com amor, compromisso e senso de responsabilidade”, sem isso Genipapo não seria bem conhecido pelas características ora pontuadas. Fundamentalmente, o lugar precisa de uma sociedade que a interprete a partir do ser, da vivência, do empirismo e do compromisso. Portanto é necessário entendermos que “os seres humanos são seres espaciais em sua essência, e que viver é produzir/experienciar espaço” (SERPA, 2017. p. 587). Como exemplo dessa afirmação, podemos citar o próprio surgimento do povoado e como se têm se desenvolvido.

A população de Genipapo foi impulsionada a ascensão com a chegada de um casal vindo de Cariri-CE denominados como Pedro Alexandre e Dirlene Matos Mendonça por volta de 1803 de acordo com relatos do Sr. Edízio Caetano da Silva (2020) quando chegaram a localidade de Várzea do Morro. Mais tarde, Pedro Alexandre encontrou alguns índios da localidade conhecida como “Itaboca”. O termo “Ita” em Tupi Guarani que quer dizer “pedra”, já o termo “Boca” se deu pelo fato da vegetação encontrada no local fazendo menção à “taboca”, como também afirmam Moura e Pereira (2016, p. 3), “no início de sua formação, o povoado chamava-se Taboca pelo fato de haver várias touceiras de taboca na localidade”. Após o encontro com os primeiros indígenas, Pedro Alexandre resolve ir para Itaboca com sua família,

---

<sup>7</sup> Em algumas regiões da Chapada Diamantina (Estado da Bahia), o termo “**digitório**” relaciona-se à ajuda que se recebe de amigos e vizinhos na capina, roçagem e/ou desmate de matagais, pastagens, plantações etc.; Reunir-se com os amigos para ajudar alguém que não tem condições financeiras para contratar profissionais para executarem os serviços braçais relacionados à vida no campo

outras famílias de indígenas, inclusive duas famílias da tribo dos Payayás, mas estas ficaram no vizinho povoado de Serra Branca, também migraram para a localidade, chegando ao número de 36 habitantes, como relata o Sr. Edízio. Percebendo aumento da população, os indígenas começaram a deixar Itaboca com destino a Serra do Imbé e a Fazenda Lages. Na despedida bastante emotiva encontraram-se novamente com o Sr. Pedro Alexandre e o deixaram três mudas de jenipapo, foram plantados no povoado dando origem ao nome Genipapo.

Algo em comum entre pequenos povoados, vales, vilas, lugarejos é a estrutura de suas primeiras formações imobiliárias. É muito comum encontrar nesses pontos, uma igreja, rios próximos, etc. o caso de Genipapo não difere dessas acepções, no entanto um símbolo atual no povoado é justamente uma igreja e junto dela a sua frente, um jenipapeiro (figura 8). A propósito, conforme o desenvolvimento chegava a Genipapo, as pessoas valorizavam mais o lugar, e hoje, considerado um dos marcos mais importantes foram: a construção de uma capela no ano de 1920; construção de um cemitério em 1921; inauguração da luz de lampião em 1952; a construção da igreja Católica em 1954; inauguração da Escola Alexandre Almeida em 1970; inauguração da energia elétrica em 1972 e fundação da Associação Comunitária dos Pequenos Produtores Rurais de Genipapo.

Na geografia, podemos destacar algumas características e conceituações concernentes ao desenvolvimento do povoado. Quanto à caracterização socioeconômica e cultural, a comunidade apresenta comércios em açougue, farmácia, mercadinhos, lanchonetes, bares, salão de beleza, etc. Além disso, as famílias vivem de aposentadoria, de cargos gerados pela prefeitura do Município, do cultivo de hortaliças, frutas e flores, cultivadas na sua maioria por famílias da Associação Comunitária dos Pequenos Produtores Rurais de Genipapo. O desenvolvimento educacional consiste no aprimoramento e manutenção das educação nos primeiros anos escolares do ensino fundamental I e II onde destaca-se a Creche Mãe Pê, a Escola Municipal Alexandre Almeida, que recebe alunos da educação infantil até o 5º ano e o Centro Educacional Dom Antônio de Mendonça Monteiro que recebe alunos do ensino fundamental II. (MOURA; PEREIRA, 2016. p. 4).

**Figura 8:** Jenipapeiro no centro do povoado de Genipapo.



**Fonte:** Dados da pesquisa, 2020.

Algumas datas comemorativas no povoado, marcam o que consideramos manifesto cultural, por exemplo: Festa de Santo Antônio (13 de junho); Nossa Senhora da Conceição (08 de dezembro); Festa da independência (07 de setembro) e Réveillon (31 de dezembro). Esses e outros festejos corroboram para a alegria coletiva da comunidade dando ênfase ao afeto pelo lugar, e passa fortemente a sensação de pertencimento ao lugar, dessa forma, como define Chartier (1994, p. 179), “cultura popular [...] um sistema simbólico coerente e autônomo, que funciona segundo uma lógica absolutamente alheia e irreduzível da cultura letrada.” Logo, alguns historiadores observam que as festas na tradição dos povos antigos, costumam ter motivação religiosa. De acordo com Almeida (1984, p. 51), “a festa faz parte integral da vida humana; corresponde às necessidades que o homem tem de se distanciar das suas atividades absorventes para descansar”.

Frente a essa observação, como valorização da cultura, Moura e Pereira (2017, p. 06) em uma entrevista com moradora de Genipapo, descrevem que “a cultura [...] é exatamente a união das pessoas em torno de uma diversão, pois tudo que nós hoje temos no Genipapo é fruto dos nossos antepassados, eles começaram e nós temos que dá continuidade”. Todas essas tradições são heranças de gerações passadas e que atualmente ainda é mantida, por isso, “a gente desse lugar acolhia com o coração

e alma, as festas de Jenipapo que arrastam visitantes de lugares e municípios vizinhos”. (PPE, 2015 apud MOURA; PEREIRA, 2017. p. 8).

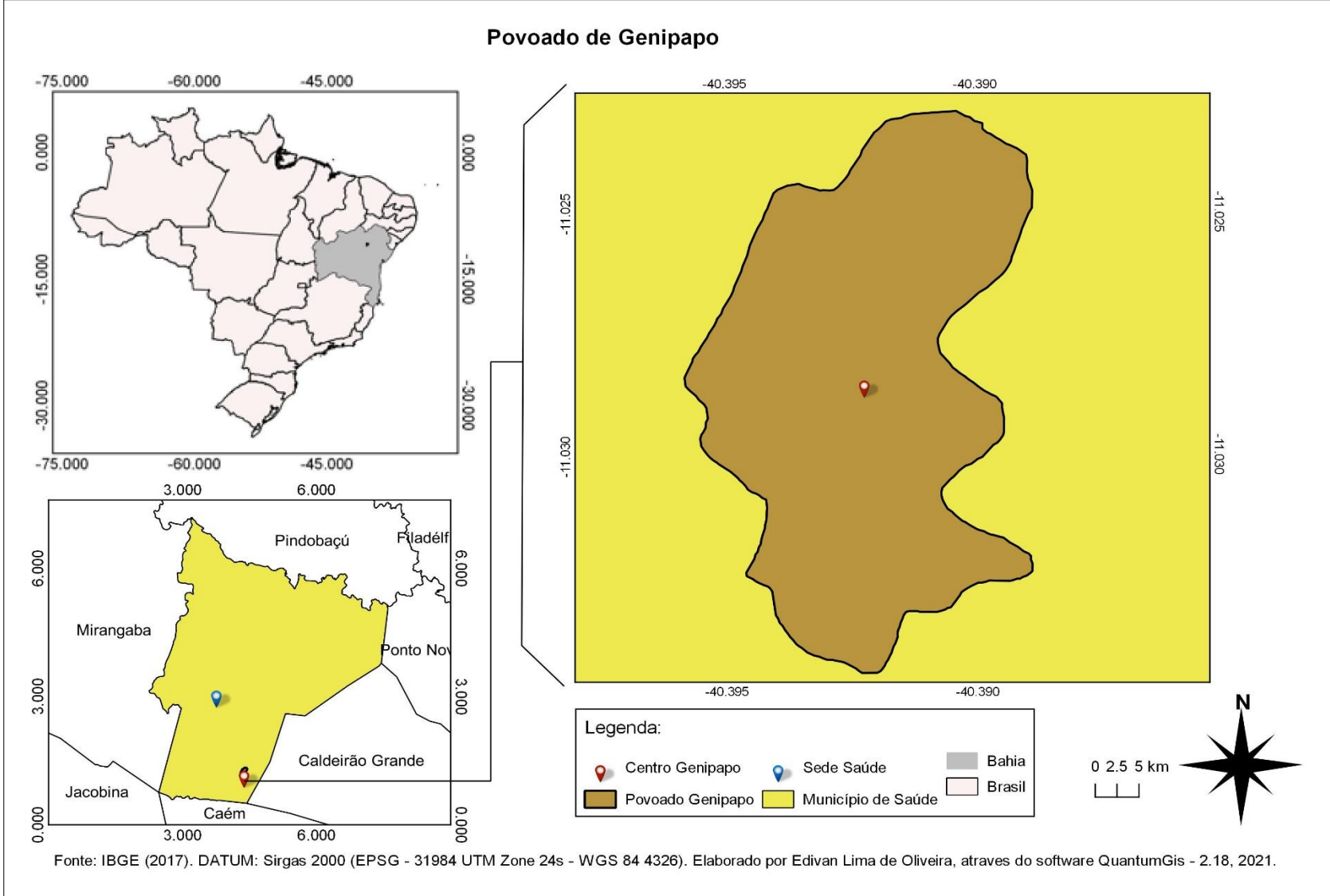
A floricultura também é responsável por atrair visitantes. Assim sendo,

Os recursos florais estão diretamente relacionados ao estabelecimento e manutenção de interações entre plantas e visitantes. Assim, os interagentes têm diferentes graus de dependência, que são definidos principalmente pelas estratégias das plantas em disponibilizar os recursos florais e pelas apresentadas pelos visitantes em coletar estes recursos. No entanto, as diferenças morfológicas e comportamentais dos visitantes permitem que eles assumam diferentes papéis - além de polinizadores - nas interações com as plantas, atuando como pilhadores ou ladrões de recurso. Nesse sentido, as plantas exibem diferentes estratégias de disponibilização de recursos enquanto os visitantes florais exibem diferentes estratégias de forrageamento para a obtenção desses recursos. Apresentamos aqui seções específicas sobre os principais recursos florais: néctar, pólen, óleo, resinas e perfumes florais com objetivo de revisar criticamente a literatura e apresentar: (1) as estratégias utilizadas pelas plantas para manter os polinizadores visitando suas flores e minimizar o desperdício de recursos, e (2) as estratégias utilizadas pelos visitantes para otimizar seu comportamento durante o forrageamento em função da disponibilidade de recursos florais. A manutenção da disponibilidade de recursos florais depende da manutenção de polinização, que por sua vez é condicionada ao modo como os visitantes se comportam durante a coleta e forrageio dos recursos nas flores. Dessa forma, as relações entre plantas e visitantes florais polinizadores são mutualísticas, embora os interesses sejam contrários, havendo a exploração mútua: na qual os visitantes necessitam de recursos disponibilizados pelas plantas e estas necessitam de serviço de polinização efetuados pelos visitantes. (BARÔNIO et al. 2018. p. 390)

De forma geral, a disponibilidade de recursos florais está fortemente relacionada ao sucesso reprodutivo das plantas, uma vez que a manutenção dessa disponibilidade de recursos depende da eficiência da produção, que por sua vez é condicionada ao modo como os visitantes se comportam durante a visita em busca de recursos florais com a finalidade de conhecer e se aproximar mais do entendimento sobre o funcionamento produtivo, mas os visitantes não podem abusar prejudicando a interação da planta com o visitante.

Os elementos e características discriminam a importância de Genipapo tanto para a própria população quanto para de outros municípios e micro regional. Para tanto, em si tratando de sua localização, está a 12 km de distância da Sede do município a sudeste interligado por via rodoviária asfáltica e possui as coordenadas geográficas 11° 1' 42" de latitude Sul e 40° 23' 32" de longitude Oeste. No mapa (Figura 9) a seguir podemos identificar a localização mediante sua escala.

Figura 9: Mapa de localização do povoado de Genipapo em Saúde-BA.



## **CAPÍTULO 2 – FLORICULTURA DE GENIPAPO: FONTE DE RENDA E ENCANTOS**

A floricultura de modo geral têm apresentado potencial econômico, impulsionador e promissor no mercado. Abrange o cultivo de plantas ornamentais, desde flores até as sementes, caules, etc. Apesar de ser um comércio aparentemente simples, exige muito conhecimento técnico e manejo de quem produz além de um sistema muito eficiente de manutenção, distribuição e comercialização.

A floricultura brasileira vem adquirindo notável desenvolvimento nos últimos anos e se caracteriza já como um dos mais promissores segmentos da horticultura e agricultura intensiva no campo dos negócios nacionais. O histórico dessa atividade remonta desde muito tempo, porém a valorização do mercado ainda não atingiu o patamar desejado, mas tem avançado bastante desde suas primeiras produções.

A floricultura além da beleza das flores, envolve setores que tem ligação direta com a geografia – agricultura, ciência e economia. Além disso, envolve elementos geográficos como o clima, indispensável para o desenvolvimento da flora onde são cultivadas espécies em todos os tipos de clima, adaptadas às condições de diferentes regiões, de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA (2006).

O cultivo de flores em Genipapo, através da Associação Comunitária dos Pequenos Produtores Rurais de Genipapo – ACPPRG, tem contribuído diretamente com a dinâmica das diferentes ornamentações nos variados eventos. Esse cenário vem crescendo e junto a necessidade de ambientes bem realçados e floridos, o que apresenta certo conforto com ambiente mais natural bem decorado. Aniversários, casamentos, batizados, confraternizações de fim de ano, festas religiosas, etc. são alguns dos eventos que mais acontecem e demandam arranjos de flores naturais.

Seus encantos vão além. As flores e plantas ornamentais estão presentes em nosso cotidiano rotineiramente nas mais diversas formas nos próprios lares, edifícios comerciais, parques e jardins, nos proporcionando alegria por meio da sua beleza e das diferentes formas arquitetônicas existentes em sua natureza. Em alguns países, a utilização de flores e plantas na decoração de ambientes internos, na casa ou trabalho, é promovida como aliada ao bem-estar e à qualidade de vida, assim como, em outros países, a jardinagem é difundida como hobby e terapia para aposentados e idosos (NEVES; PINTO, 2015. p. 103).

Neste contexto introdutório sobre a floricultura, o papel da geografia sobressai em suas variadas concepções e conceituações, pois nota-se que as mudanças no espaço ocorreram, por conseguinte "a história do homem sobre a Terra é a história de uma ruptura progressiva entre o homem e o entorno" (SANTOS, 1994:17c, apud, ROCHA, 2006, P. 40). Essas novas mudanças serviram para guiar os níveis de modernização de cada lugar, para compreender a sua totalidade historicamente produzida.

**Figura 10:** Sede da Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Genipapo.



**Fonte:** Valber Santana, 2021.

## 2.1 Contexto histórico/agrário

Ao longo da história, nota-se a ascensão e importância dada da escolha por ambientes cada vez mais natural. Os países tropicais, como é o caso do Brasil, um país rico em sua diversidade da fauna e flora, são favorecidos devido a contribuição climática que constituem fatores de sucesso para empreendimentos no setor da produção de flores e plantas ornamentais além da contribuição dos belos arranjos em decoração de ambientes festivos e eventos diversos.

Com a ocorrência dos fluxos migratórios, o surgimento dos assentamentos e a diversificação das atividades dos imigrantes, a floricultura passou a apresentar os primeiros sinais de organização e crescimento. Com a fundação, por imigrantes

holandeses, da Cooperativa Agropecuária Holambra, em 1972 em São Paulo, a atividade teve um novo e decisivo impulso. (ROCHA, 2006. p. 30).

A floricultura em seu surgimento, era basicamente para atender a jardinagem e cultivada nos quintais, onde as próprias pessoas, de acordo com o conhecimento que dispunham utilizavam dessas flores para ornamentar o interior da própria casa, doavam para igrejas etc. Pensava-se, basicamente, para manter o mercado em datas comemorativas específicas. Indiferentemente da maioria dos estados onde esse tipo de produção é concentrado, a grande parte dos produtores são pequenos agricultores, muitos deles organizados em cooperativas ou em Arranjos Produtivos Locais (APL) e cooperativas, associações como é o caso da Associação Comunitária dos Pequenos Produtores Rurais de Genipapo – ACPPRG onde se reúnem pessoas de famílias distintas para a produção de flores.

A fundação da Associação Comunitária dos Pequenos Produtores Rurais de Genipapo aconteceu em 18 de dezembro de 1987 em uma reunião de assembleia geral que reuniu diversos agricultores na casa do Sr. Gerson Alves Jacobina. A reunião foi presidida pelo Sr. Paulo Santos Terra Nova, técnico agrícola. A eleição foi aberta e oral, determinando mandato por um ano, constituída, portanto, como presidente a Sra. Sirlene Batista de Oliveira; vice-presidente, o Sr. Gerson Alves Jacobina; tesoureiro o Sr. José Calazans da Silva e seu suplente, o Sr. Antônio Ribeiro dos Santos; para secretaria, a Sra. Celina Maria Correia da Silva e seu suplente, o Sr. Noberto Albino dos Santos. O conselho fiscal foi composto por titulares: Ovídio Alves, Sinésio Lopes de Oliveira, Hélio Albino dos Santos e Idália Conceição Alves Jacobina; suplentes: Maria Rosa Correia e Marinalva Alexandrina da Silva. Assim ficou estruturada a primeira diretoria da ACPPRG.

Segundo Moura e Pereira (2016) chegaram na Paróquia padres alemães e percebendo o sofrimento da comunidade do povoado fizeram um trabalho de organização com os agricultores, onde chegaram a fundação do sindicato e posteriormente compraram um terreno na comunidade, foi uma forma de organizar e ajudar as pessoas do povoado quando daí foi fundada a Associação de Pequenos Produtores Rurais de Genipapo.

De acordo com relatos do Sr. Edízio Caetano da Silva (2020), em Genipapo, por volta de 1988 aconteceu a aquisição do terreno por intermédio do Padre Horestes Heinen, então administrador paroquial da Paróquia de Nossa Senhora da Saúde com o Sr. Adolfo Gonçalves Lobo. Consolida-se a posse e propriedade do terreno com a

finalidade de “abrir uma horta comunitária” (Figura 11) afim de organizar a mão de obra local para suprir as necessidades de algumas famílias que precisavam de alimentos que viera a ser produzido por eles interessados. Em maioria, os alimentos eram: abóbora (*cucurbita*), aipim (mandioca) (*manihot esculenta*), alface (*lactuca sativa*), batata (*ipomoea*), berinjela (*solanum melongena*), cenoura (*daucus carota subsp. sativus*), laranja (*citrus x sinensis*), limão (*citrus limon*), etc.

**Figura 11:** Horta comunitária de Genipapo – 1996.



**Fonte:** Maria Vilma Pereira, 1996.

O atual presidente da ACPPRG, o Sr. Sabino Neto, também afirma que a propriedade “foi adquirida através de uma parceria da Igreja Católica Matriz com um fazendeiro então proprietário”. A negociação foi realizada em razão da necessidade de ajudar a população interessada em cultivar na propriedade, assim acordaram em negociar a propriedade, ambos com o intuito de ajudar as pessoas do lugar.

A Igreja, pioneira em ornamentações, acordou com a entidade a plantar rosas para servir além da Igreja, à própria associação, pois teria retorno financeiro. No acordo, as flores que fossem para a Igreja deveriam ser doadas e não vendidas porque os associados aceitaram a proposta como uma retribuição em face do bem que a Igreja teria feito com a doação do imóvel. A Igreja também ajudava os primeiros

produtores com uma cesta de alimentos<sup>8</sup> que era doada mensalmente até que começassem a obter lucros com a produção. O quantitativo de famílias beneficiadas girava em torno de 30 a 40 famílias. (SABINO NETO, 2019).

As negociações foram determinantes para a Igreja desenvolver seu papel ajudando aos produtores/famílias que na época buscavam melhorias de vida e essa parceria foi importante fortalecendo e mantendo o abrigo e sobrevivência das famílias vinculadas à Associação. Como as chuvas eram regulares, o que se plantava, em sua maioria, era colhido. Com o desenvolvimento das atividades na Associação, os produtores passaram a ganhar pela mão de obra de acordo com a venda da produção, evidentemente que recebiam fração do global mensal como Sabino Neto afirma: “Tudo que se adquiria na associação era vendido para custear a mão de obra dos trabalhadores que viviam de “dia de macaco<sup>9</sup>”, como se chamam”. Ainda segundo ele, a floricultura conta hoje com uma área de 2,5 tarefas (10.890 m<sup>2</sup>) para utilização com o plantio específico das flores em suas variadas espécies. A referida propriedade, demonstrada na imagem a seguir (Figura 12), soma pouco mais de 07 tarefas, o equivalente a pouco mais de 30.000 m<sup>2</sup>.

No ano de 2001, veio o “Projeto de Rosas”. Esse projeto exigia uma ampla dedicação e mão de obra qualificada para tal cultivo bem como de técnicas capazes, pois como Milton Santos (1982, p. 2), as técnicas são consideradas como o conjunto de meios de toda espécie de que o homem dispõe [...] dentro de uma organização social, econômica e política, para modificar a natureza, seja virgem, seja já alterada pelas gerações anteriores” já que “o conhecimento técnico é uma importante ferramenta para o desenvolvimento de qualquer cultivo” (SANTANA, 2014. p. 48).

Isso devido ao fato de que trabalhar sem o referido conhecimento eleva os custos e o ciclo de cada produção tende a ser maior, por exemplo, as mulheres que estavam envolvidas no projeto teriam que saber exatamente o período em que poderia fazer o enxerto, assim como também o período das podas, para que o produto final fosse um produto de qualidade, assim sendo, através do “Projeto Florescer”, iniciado naquele ano, com o apoio do Governo Federal por meio do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar - Pronaf, a produção aumentou e

---

<sup>8</sup> Uma pequena quantidade de alimentos variados, também conhecida como cesta-básica.

<sup>9</sup> Trabalhador que exerce sua função de forma de trabalho avulso/diarista. Por não ter trabalho definido, quando surge uma oportunidade, executa e assim é definido.

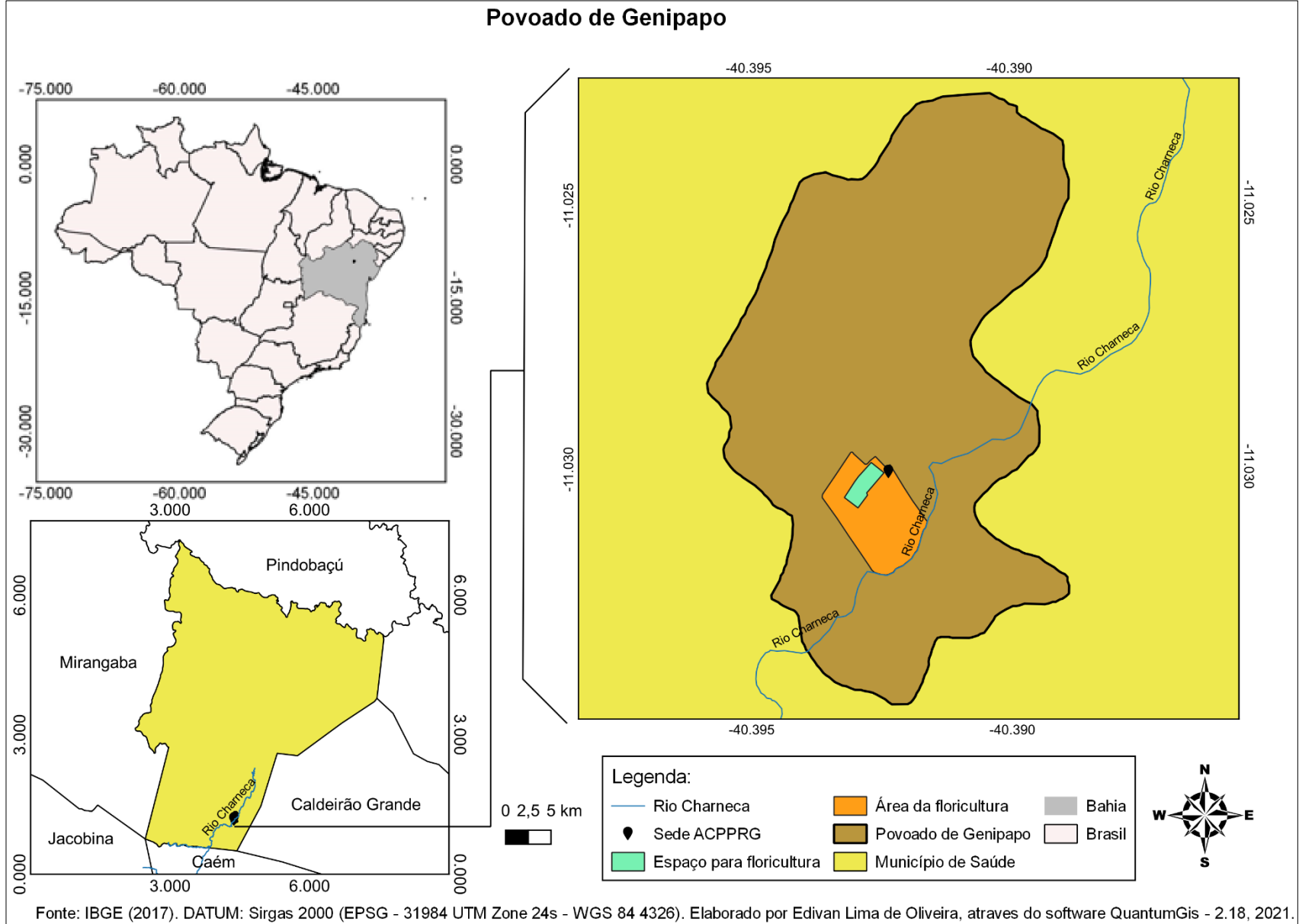
consequentemente a exigência de profissional, pois a partir de então passaram a ser treinadas para que soubessem fazer de forma correta o manejo destas plantas ornamentais. De acordo com Neto, naquele período em que o projeto estava com todo vapor e recebendo a visita de um técnico, “o grupo tava até bom, mas foi enfraquecendo, as pessoas dizendo: Ah! eu vou sair! E foram saindo a tal ponto que só tem três pessoas”. O Projeto Florescer teve o apoio do governo até o ano de 2017 quando começaram surgir algumas barreiras e desafios para a ACPPRG.

Em 01 de setembro de 2009, foi criado como uma espécie de ramificação da Associação, o regimento interno do Grupo Florescer. Grupo criado para fomentar o cultivo específico de flores (produção e comercialização além de regulamentar a estrutura política do grupo. Naquele ano, foi formado com 12 membros e todos, obrigatoriamente, do quadro de associados da ACPPRG. No entanto, o referido regimento prevê determinações que os membros do Grupo Florescer deverão seguir como prevenção ao meio ambiente, acesso e incentivo à educação, organização de mão de obra etc.

Atualmente, o número de associados são 20. Especificamente para a floricultura, existem três pessoas associadas, já para as hortaliças um total de 08 associados, os demais fazem parte da estrutura administrativa e apoiam em outras atividades mesmo que não exatamente na agricultura. Estes trabalham para si, porém mensalmente, contribuem financeiramente com a associação. Portanto, de acordo com a última ata, a estrutura da entidade se apresenta da seguinte forma: presidente – Sabino Dias Neto; vice-presidente – Veranice Almeida Santos de Oliveira; tesoureira – Eliete de Souza Dias e como coordenadora da atividade de flores a Sra. Maria Benedita dos Santos. Se reúnem mensalmente na sede da Associação situada à Rua Enésio Moreira em Genipapo.

A atual administração da Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Genipapo não recebe valores financeiros, ou seja, os vencimentos/rendimentos pelo cargo que ocupa na entidade, exercendo-os voluntariamente. Os associados que trabalham na lavoura, seja ela de flores ou não, recebem o equivalente ao serviço do cultivo vendido. Os valores arrecadados das vendas da produção ficam com o vendedor/agricultor e que colaboram mensalmente com uma quantia para manutenção das despesas da associação. No momento atual, a produção de flores está em baixa produção e os recursos financeiros - receitas são das hortaliças e das frutas em sua maioria.

Figura 12: Mapa de localização da área pertencente à ACPPRG.



## 2.2 Iniciação à produção e seus responsáveis

A agricultura no município de Saúde-BA é uma atividade que vem desde sua descoberta até os dias atuais atuando como uma das principais fontes econômicas, assim como a pecuária e a mineração. Genipapo se destaca, também por ser um lugar com características harmônicas e coerentes com o bem-estar, lazer etc. onde quando se falava em casa de farinha, em cana de açúcar e os engenhos, praticamente era entendido como ponto de encontro entre as famílias, amigos, era um verdadeiro centro de cultura e de lazer.

A Bahia quando começou a produzir as flores, teve uma intervenção direta do governo através de programas de incentivo aos produtores dando um auxílio principalmente para a população que estava em risco social. A referência é o Programa Flores da Bahia, cujas ações estiveram ligadas a inserção de população em situação de risco social” (ANDRADE; PEREIRA, 2010, apud, SOUZA, 2014, p.12). Em Salvador são produzidas em grande quantidade das flores tropicais, que são flores mais coloridas, com aspecto mais viçoso, com pétalas e folhas grossas, bem resistentes, pois o clima tropical quente e úmido favorece o desenvolvimento deste tipo de flores nessa área.

Entre inúmeros municípios baianos que têm sua produção de flores intensificada nos períodos chave para manter a produção ativa em datas importantes, estão Feira de Santana, Vitória da Conquista, Mata de São João, Camaçari, Morro do Chapéu, Ilhéus, Palmeiras e Maracás. Genipapo em Saúde-BA, não aparece nessa relação das principais, mas em uma escala menor, tem sua importância no município e microrregião.

Experiências positivas de crescimento com esse tipo de organização territorial de produção, neste caso, da floricultura, chamou a atenção de instituições governamentais pelas experiências que alcançaram sucesso. O Programa Flores da Bahia emergiu com o objetivo de organizar em cooperativa trabalhadores que cultivassem e comercializassem flores e, com isso, concentrar também a venda de outros aglomerados, interagindo na troca de experiências e de abastecimento de mercadorias seja ele local ou regional. (SANTANA, 2014. p. 15).

De acordo com Ceníquel (1995 apud ROCHA, 2006), “A produção de flores sempre existiu nos jardins desde as mais antigas civilizações, ora com conotações religiosas e/ou filosóficas, ora com conotações utilitárias e/ou contemplativas”. Dessa

forma os cultivos das flores sempre tiveram várias finalidades com uma visão no mercado ornamental sempre em ascensão.

Enquanto em várias das cadeias do agronegócio a mecanização já chegou ao campo, mesmo nos sistemas mais modernos de cultivo de flores e plantas aos de baixa escala, os curtos ciclos de produção e a existência de operações de difícil mecanização faz com que o número de pessoas empregadas alcance volumes altos sendo que quanto maior a área, maior será a exigência de mão de obra e equipamentos para atendimento da demanda. Além disso, a elaboração de arranjos e buquês nas floriculturas e serviços de decoração é uma atividade essencialmente artesanal e majoritariamente é feito de forma manual.

A produtividade das plantas ornamentais requer técnicas aperfeiçoadas tanto na preparação do terreno quanto no desenvolvimento dos vegetais que darão origem às flores. Além disso, deve-se preservar características e fatores naturais originais do local da produção. Um fator que é muito conhecido e determinante para o desenvolvimento da produção é o clima. Se o vegetal não for endêmico de uma determinada região poderá sofrer prejuízos com alteração climática até sua adaptação, portanto, de acordo com a variação do clima, varia também as espécies, por isso, a concentração geográfica de aglomerados locais de determinado setor produtivo pode resultar em ganhos competitivos quando estes, de forma sistemática, se articulam para fortalecer o ramo em que atuam. (SANTANA, 2014. p. 14).

Na realidade de Genipapo, a produção de flores agrega os fatores climáticos em favorecimento da cultura. Além disso, está localizada em área de umidade em maior parte do ano, pois situa-se às margens do Rio Charneca, embora seja um rio não perene e o manejo do solo, por sua vez, é realizado com técnicas de médio nível tecnológico. As famílias que trabalhavam com o cultivo de flores, chegaram a escolha pelo motivo de ser uma produção diferente na região e que atenderia a diversos públicos e clientes, além de ser uma atividade com vistas ao potencial de crescimento financeiro e pelo local da produção oferecer vantagens cabíveis ao cultivo de flores.

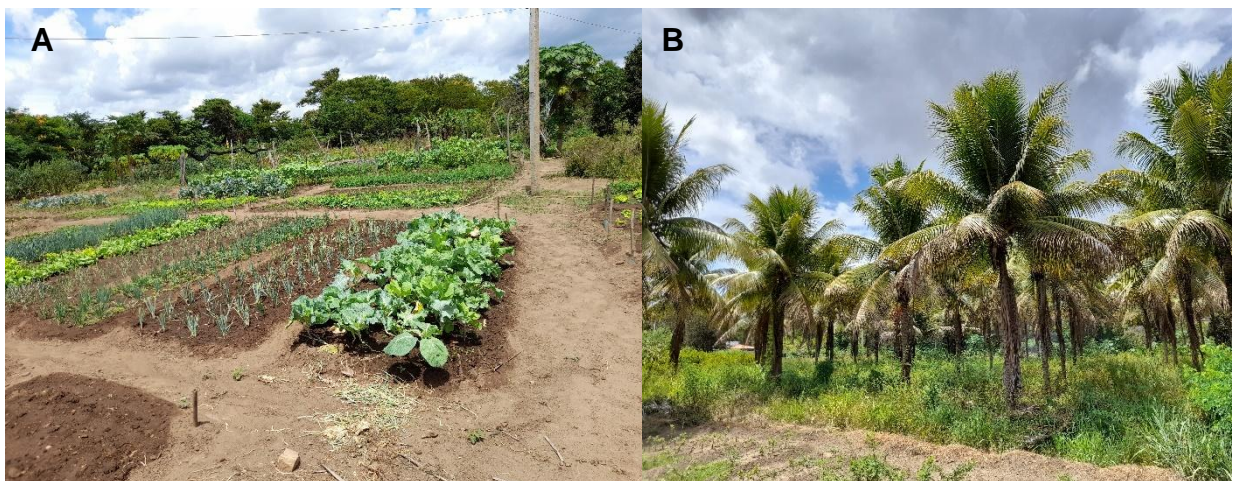
Antes da produção de flores, as famílias viviam basicamente do cultivo de hortaliças e frutas geradas da agricultura praticada por associados da ACPPRG. Era muito comum entre esses povos, a ajuda em trabalhos que tinha como fundamento a cultura da partilha que sempre se trocou tudo, o serviço da roça, o construir a casa do novo morador próximo a casar-se, a cerca do pasto, o plantio das sementes e suas colheitas. Tudo era da importância de todos (PEREIRA, 2004. p. 45). Esse viver e

fazer junto gerou o sentimento vivencial de uma grande e feliz família, além do trabalho que era executado, tudo era motivo de festa, de cantoria, de celebração (MOURA; PEREIRA, 2016. p. 8).

Para ampliar a produção na Associação que ainda conta com forte influência de hortaliças e frutas (Figura 13), a ideia de se iniciar com flores foi amadurecida e consolidada em 2001 através do “Projeto de Rosas”. Este, carecia de conhecimentos técnicos mais exigentes, pois necessariamente é um cultivo que precisava ser bem estudado para obter resultado com a produção. Para alguns agricultores foi uma surpresa, apesar de uma parceria com o SEBRAE, que ajudou na capacitação e apoio aos agricultores.

Portanto, foi através do “Projeto Florescer”, com origem em 2001, com o apoio do Governo Federal por meio do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar - Pronaf, tendenciosamente e gradativamente a produção aumentou e como consequência a necessidade de profissional. Mesmo naquele período, quando as novidades começaram a aparecer, as pessoas que não se adaptaram saíram, como afirma Sabino Neto (2020), “o grupo estava até bom, mas foi enfraquecendo, as pessoas dizendo: Ah! eu vou sair! E foram saindo a tal ponto que só tem três pessoas”. O Projeto Florescer teve o apoio do governo até o ano de 2017 quando começaram surgir algumas barreiras e desafios para a ACPPRG, além da ausência dos trabalhadores.

**Figura 13:** Cultivo de hortaliças (A) e coco (B).



**Fonte:** Dados da pesquisa, 2020.

A atividade da floricultura foi responsável por um dos melhores momentos financeiros da Associação. Isso aconteceu em 2014/2015 quando as flores produziam bem e a receita chegou a marca do seu momento ápice, pois contava com o apoio do

governo em relação às técnicas e manejo tanto do solo quanto dos vegetais e contava também com o incessante trabalho com empenho e dedicação dos associados direcionados a floricultura.

Nota-se a ascensão da agricultura por meio da floricultura iniciada à todo vapor através de alguns responsáveis. Podemos destacar entre esses, os agricultores que iniciaram e fundaram a Associação – principais no processo, os que chegaram depois, os que trabalham somente com flores e os que não, A igreja católica, membros da sociedade civil, Governo do Estado da Bahia através do Programa Flores da Bahia, Governo Federal através do PRONAF e SEBRAE e a população do povoado de Genipapo. Pode-se citar como remanescentes na atividade da floricultura as Sr.as “Eva”, “Maria”, “Sirlene” e “Verinha”.

### **2.3 Do processo de produção ao consumo**

A Floricultura de forma ampla contempla atividades campais para fins urbanos. Atrelado a isto, a visão capitalista desencadeada pelos produtores torna o natural em um material de consumo imprescindível nos eventos além do espaço de produção. Seria entender que um roseiral, por exemplo, por si só já é um evento muito bem arranjado com a beleza infinita das flores e botões de rosas. A ornamentação nas suas diversificadas finalidades envolve o emprego das flores e demais folhagens com características afins. Independente da grandiosidade e importância do festejo ou até mesmo singela comemoração, arranjos florísticos tornam-se peças fundamentais.

A produção não se limita ao ato produtivo em si, mas pode ser definida pela circulação da mercadoria, desde a sua produção até o consumo final, momento em que se realiza a apropriação do excedente. A apropriação acontece quando o produto sai do seu local de produção e chega ao cliente, aos eventos, aos arranjos. Dessa maneira, o circuito produtivo pode ser entendido como uma unidade, com elementos distintos em seu interior. A circulação do produto se destaca, demonstrando o caráter essencial dos fluxos para a realização da produção. (NEVES; PINTO, 2015. p. 463).

No que tange aos circuitos produtivos, segundo Milton Santos (2008), o circuito superior e inferior estão presentes em todas as etapas dos circuitos espaciais de produção: no processo produtivo, distribuição, comercialização e consumo. Estas etapas bem como o circuito inferior, citado pelo autor, são consideradas essenciais na produção de flores de Genipapo. Isso se justifica pelo fato de que o circuito inferior ser formado de atividades de pequena dimensão. (SANTOS, 2008, p. 22). Deste modo, a

produção de flores faz parte do circuito inferior relacionado aos ambulantes, cooperativas de pequeno porte e feirantes. (COSTA; SANTOS, 2017. p. 4).

Mediante essas discussões, mesmo em pequena escala, cabe considerar as consequências e transformações da globalização, pois a racionalidade dominante da competitividade e do crescimento econômico coloca os diversos lugares em competição, numa verdadeira guerra para atrair investimentos visando a sua inserção nos circuitos espaciais produtivos mundializados. (NEVES; PINTO, 2015. p. 470).

O desempenho evidencia uma posição de aperfeiçoamento e amadurecimento, de modo a torná-los capazes de se adaptar, com flexibilidade, às novas condições dos mercados, possibilitando, inclusive, a compreensão dos fundamentos e aparatos tecnológicos do processo produtivo, por parte dos produtores, e na interface com a comercialização de seus produtos. (SHERER, 2006. p. 13). Portanto, trata-se de uma cadeia produtiva, em primazia, muito diversificada em termos de produtos. Procedendo dessa forma faz com que atender às suas necessidades se torne um grande desafio para fornecedores de insumos e equipamentos, canais de distribuição, operadores logísticos, e também para os formuladores de políticas públicas. (COSTA; SANTOS, 2017. p. 5).

A produção de flores de Genipapo, assim como outros segmentos, sempre visou a competitividade e o lucro pós comercialização. Faz-se necessário entender que até chegar ao consumidor final, como a nomenclatura sugere, acontece um processo, no entanto deve ser pensado e produzido de modo que haja sentimentalismo, além do lucro, uma importância pessoal, um significado interior perfazendo assim, laços afetivos entre a produção e o seu destino, pois o consumidor desse tipo de produto, como normalmente acontece, adquire para fins eventos relacionados à afetividade, ao amor.

### **2.3.1 Processo de Produção**

Quando nem tudo são flores, a floricultura pode ser uma saída. É com base na afirmativa, título de um trabalho de Maria Simone de Castro Brainer (2018) que iniciamos sobre esta temática. Isso para inteirar que desde o início, a floricultura de Genipapo foi pensada como alternativa para os agricultores com vistas em melhorias, sobretudo financeiras. Com a produção concomitante de diversos alimentos, a necessidade surgiu mediante indicações e influência da igreja católica que sempre esteve entre os principais consumidores de flores. Então, quando somente a produção

e alimentos já não era mais suficiente, a saída foi a floricultura que agregou as formas de trabalho junto as técnicas, posteriormente reeducadas, com os fatores climáticos e a localização estratégica do povoado de Genipapo, onde se previa o escoamento da mercadoria tendo-o como centro de cidades vizinhas.

Apesar da produção agrícola de flores e plantas ornamentais ser altamente técnica, a mecanização na colheita, em muitas culturas, ainda não é viável sob a perspectiva financeira assim como em relação à qualidade das plantas colhidas. Trabalhar com flores é um tanto delicado, principalmente quando estão à desabrochar, por isso nessa cultura é natural a predominância da poda e da colheita manualmente. (NEVES; PINTO, 2015. p. 39). É certo que em algumas situações são necessários equipamentos modernos que tendem a facilitar o trabalho, como o caso de aragem para novos plantios, por exemplo, fase que necessita de, no mínimo um trator.

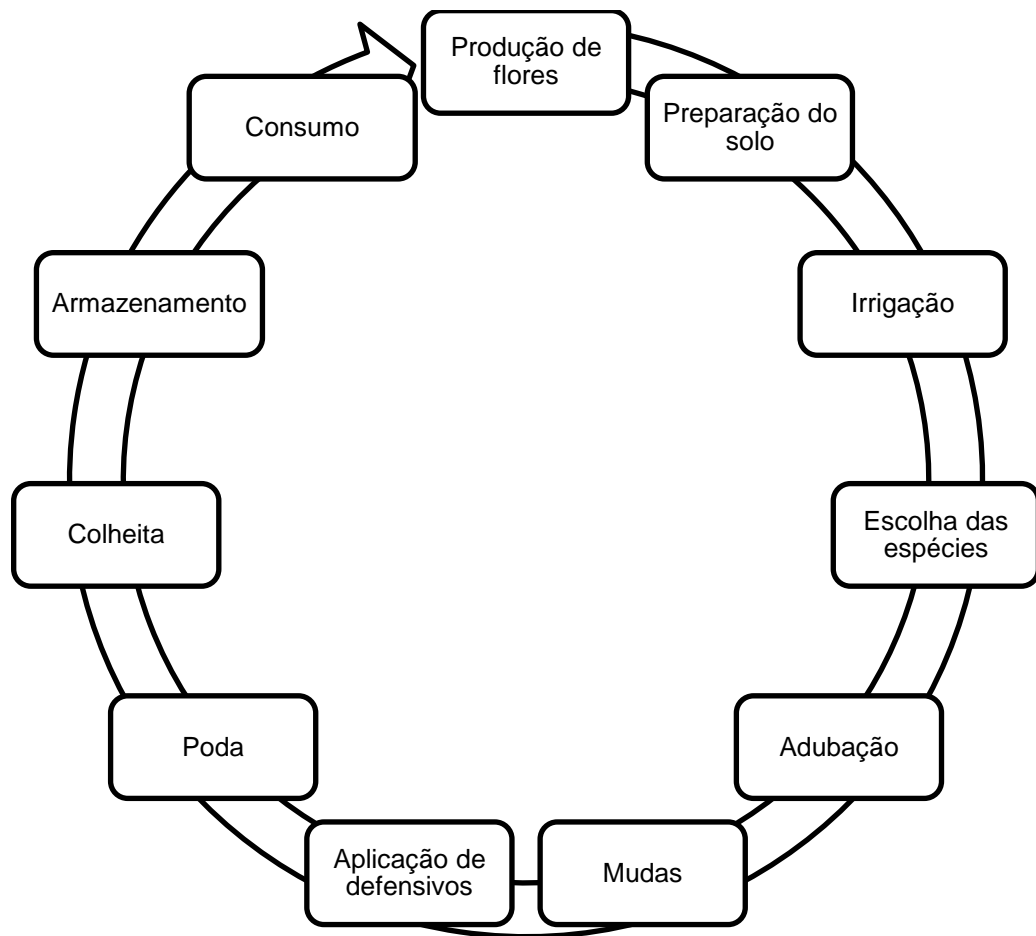
Essas técnicas, equipamentos e muitas outras particularidades estão por traz de toda a beleza transpassada nos belos buquês e arranjos. No entanto, há uma cadeia produtiva em constante evolução e funcionamento. Se trata de uma organização realizada em diversas etapas de trabalho e com envolvimento de fornecedores de insumos, sementes, mudas, pesquisadores, produtores agrícolas, cooperativas/associações, empresas de logística, empresas de paisagismo e decoração, que em sua totalidade, no final são envolvidas milhares de pessoas.

A estrutura da produção de flores e plantas ornamentais também é extremamente dinâmica. Envolve agentes que estão constantemente promovendo inovações em produtos e serviços para satisfazer à demanda do mercado visando novidades, qualidade e preços competitivos. Além disso, esta cadeia apresenta uma profunda ascensão geográfica, ou seja, embora alguns estados se destaquem na produção de flores e plantas, seu cultivo está presente em todo o país, levando renda ao interior e aos locais mais longínquos. (NEVES; PINTO, 2015. p. 5). Isso sem contar na distribuição espacial que é dada na divisão territorial para as atividades agrícolas, como é o caso de Genipapo como Milton Santos (1982, p. 4) diz que o espaço é resultado da produção, e cuja evolução é consequência das transformações do processo produtivo em seus aspectos materiais ou imateriais.

O processo produtivo de flores e plantas ornamentais, portanto se dá mediante os seguintes requisitos, os quais a ACPPRG já dispõe: área com disponibilidade de água, de energia elétrica e condições de acesso a transporte, que são fundamentais para o desenvolvimento do empreendimento. A água porque é uma das principais

fontes de vida; a energia elétrica para a utilização de equipamentos técnicos que venham a ser utilizados e o acesso de transporte porque se prevê entradas de insumos e a saída da produção após o processo. Além disso, abaixo pode-se observar (Figura 14) o funcionamento do processo produtivo de flores que ocorre especificamente em Genipapo.

**Figura 14:** Esquema representativo do processo de produção de flores do povoado de Genipapo.



**Fonte:** Dados da pesquisa, 2021.

Na atividade agrícola trabalha-se com uma pequena porção do solo, a mais superficial, a qual é chamada de camada arável. O solo faz parte do meio-ambiente e está ligado a todos os seus outros componentes, como a água e as plantas, os animais e o homem. Mediante as alterações no solo resulta em algum reflexo, positivo ou negativo, no ambiente do qual ele faz parte (ALCÂNTARA; MADEIRA, 2008. p. 1). O preparo do solo ocorre antes da fixação dos demais equipamentos relacionados a irrigação. O solo estando pronto é demarcado os locais dos vegetais com abertura de

covas e/ou canteiros, especificamente das flores, são plantadas em uma distância padrão de um metro de distância uma da outra.

O manejo do solo, portanto é o conjunto de todas as práticas aplicadas a um solo visando a produção agrícola que combinam a inclusão de operações de cultivo, práticas culturais, práticas de correção e fertilização. De forma geral, práticas tradicionais de conservação do solo, como o plantio em curva de nível conhecida na aqui na região como plantio e valas, valetas (Figura 15) são utilizadas também na agricultura orgânica. Para tanto a agricultura orgânica vê o solo como o centro de todo o processo produtivo, sendo valorizada como recurso principal, por isso, o manejo “orgânico” prioriza práticas que proporcionem a manutenção e a melhoria da qualidade do solo. Desse modo, a escolha pela cultura orgânica recomenda a manutenção de cobertura vegetal sobre o solo, a adubação verde, assim como fontes orgânicas de nutrientes de modo que não sejam utilizados fertilizantes químicos de alta solubilidade, no entanto podem ser substituídos pelos orgânicos por estes apresentar os principais responsáveis pelo desenvolvimento dos vegetais – carbono e nitrogênio tais como: esterco; restos de cultura que ficam no campo; palhadas; folhas, cascas e galhos de árvores; raízes das plantas; e animais que vivem no solo, como minhocas, cupins, formigas, besouros, fungos, bactérias e outros microrganismos, conseqüentemente atua tanto na fertilidade do solo quanto no condicionamento físico, além de manter a vida no solo. Ressaltando que seu excesso, falta ou mau preparo pode produzir danos facilmente percebidos. (ALCÂNTARA; MADEIRA, 2008. p. 2 e 3).

A próxima etapa do processo é a estrutura hídrica. A água é indispensável em qualquer que seja a atividade agrícola e é recurso vital para a sobrevivência, não somente para consumo, mas também para a produção de alimentos. As primeiras civilizações se desenvolveram nas bordas de rios, córregos e/ou outros reservatórios aquíferos, o que permitiu se estabelecerem em comunidades fixas e a produzir o próprio alimento advindos da intensa utilização da água. Neste caso, por o terreno apresentar características favoráveis para o cultivo ora apresentado, a propriedade limita-se com o Rio Charneca e chega ter água em abundância em quase todo o ano, principalmente depois da construção de um barramento conhecida também como represa, barragem (Figura 16), etc. que aconteceu em 2002 para suprir não só as necessidades da Associação, como também da população do povoado que ainda não tinha água encanada.

**Figura 15:** Sistema de curvas de nível.



**Fonte:** Dados da pesquisa, 2020.

**Figura 16:** Barragem de Genipapo.

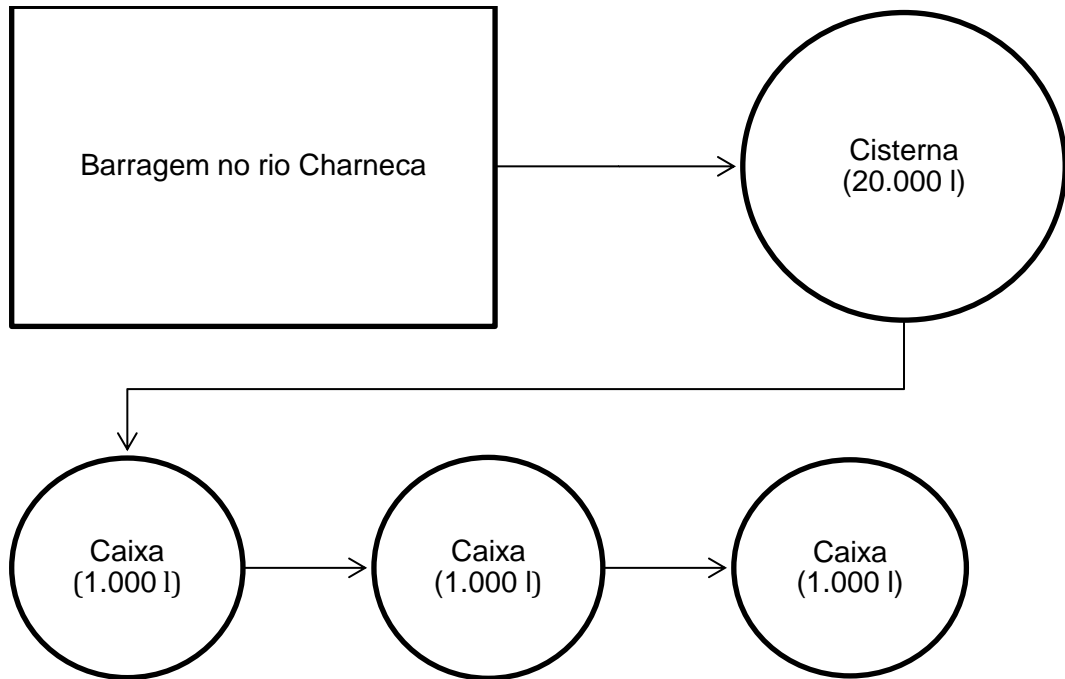


**Fonte:** Valber Santana, 2021.

A drenagem da estrutura hídrica estabelecida na propriedade da Associação atende aos diferentes setores de produção. Ao observar a figura a seguir (Figura 17), pode-se entender o funcionamento e desencadeamento do abastecimento de água

nos reservatórios de distribuição para a irrigação dos vegetais. Essa barragem é responsável por a manutenção da produção das lavouras na Associação em períodos de estiagem, quando o rio “corta” e ficam o poços mais a barragem servindo como suporte à espera de uma nova enchente no rio.

**Figura 17:** Esquema representativo do sistema de abastecimento de água dos reservatórios da ACPPRG.



**Fonte:** Dados da pesquisa, 2020.

Como podemos observar, a água é captada da barragem no rio através de uma bomba elétrica e despejada em um reservatório do tipo cisterna de vinte mil litros, onde a partir desta, é distribuída para mais outras três caixas de um mil litros de capacidade. A caixa maior está localizada em um ponto mais elevado do que as demais, porque deste modo, não é necessário uma outra bomba para distribuir até as demais caixas gerando mais despesas, no entanto a água faz o percurso por gravidade. As caixas menores estão localizadas em pontos estratégicos para não haver a necessidade de sempre que precisar, ir até a caixa maior. A partir das caixas menores, é feita a regadura dos vegetais através de regadores manuais. Além disso, existe outro método de irrigação das flores, principalmente e mais conhecido na região, que é o gotejamento (Figura 18) em tubos de plásticos (mangueiras) com espessura de acordo com o tipo de cultivo. Isso objetivando o maior aproveitamento da água e visando o desenvolvimento dos vegetais.

**Figura 18:** Métodos de irrigação.



**Fonte:** EOS, 2017.

De acordo com informações obtidas do Canal Rural (2012), o gotejamento é uma técnica criada em Israel que visa à economia de recursos hídricos e de adubo. Nesse sistema, a água corre sob pressão por tubos até a raiz da planta. Como a água penetra diretamente no solo, seu aproveitamento chega a quase cem por cento. É um sistema já utilizado há algum tempo, mas vem passando por muitas modificações. Já existem pesquisas sobre esse tipo de irrigação para áreas maiores, como é utilizado normalmente em pequenas áreas. Nesse sistema, a água de um centro com bastante água é puxada pela força de uma bomba e levada até um tanque, depois passa para outros tanques. Após esse processo, a água é bombeada fortemente para os tubos de irrigação, mas chega lentamente à planta em forma de gotas. Como a água não se deposita de uma única vez, e sim de forma gradual, a absorção da água irrigada pela planta é maior.

Depois disso, partimos para a seleção das culturas/espécies de flores, considerando que é orientada pelo mercado, pelas condições climáticas e pela infraestrutura disponível na propriedade, algo que também a associação se enquadra. Os cultivos são mais desenvolvidos em campo, a pleno sol porque ainda não se faz uso de tecnologias mais intensivas e o emprego de estufas praticamente não existe

na floricultura de Genipapo, mesmo assim, a produção de flores e plantas ornamentais se desenvolve em diversas regiões e é grande a diversidade de espécies cultivadas, tanto de clima tropical, como subtropical ou temperada com pouca utilização de estufas, até mesmo pela não necessidade (SCHERER, 2006. p. 9).

Condicionalmente, as flores e folhagens tropicais apresentam grande beleza e rusticidade, conferindo leveza e um colorido muito especial a qualquer tipo de ornamentação. São muito bem adaptadas ao clima local como as helicônias, por exemplo. Outro aspecto importante é que estas flores e folhagens apresentam maior durabilidade que as flores convencionais, requerendo menor cuidado para manutenção. Apresentam, também rusticidade e favorece o cultivo destas espécies a céu aberto, modalidade que representa cerca de 67,0% do cultivo de flores e plantas ornamentais no Brasil (BRAINER, 2018. p. 2), simplificando o processo produtivo e reduzindo significativamente as despesas. Nos últimos anos, o cultivo de flores tropicais vem se tornando uma boa alternativa de investimento principalmente para agricultores familiares. Já as plantas de clima temperado adaptam-se com mais facilidade aos climas mais frios. O cultivo é um pouco mais complexo que o das plantas tropicais. Algumas espécies são sensíveis ao foto período, requerendo fornecimento adicional de iluminação quando uma flor está no processo de maturação. (SENAR, 2016. p. 9 e 42).

As flores e plantas ornamentais produzidas em Genipapo, portanto são: Chuva de prata (*Leucophyllum frutescens*); Sorriso de Maria (*Impatiens walleriana*) (Figura 19 C); Gérbera (*Gerbera*); Alfinete (*Asparagus densiflorus*) (Figura 19 A); Helicônia (*Heliconia*); Margarida (*Leucanthemum vulgare*) (Figura 19 B); Rosas vermelhas, rosas e brancas (*Rosa gálica, rosa e Rosa x alba*); murtas (*Myrtus*); Gengibre-sorvetão (*Zingiber spectabile*); Cordilina (*Cordyline spp.*); Copo-de-leite (*Zantedeschia aethiopica* (L.) Spreng.); Crisântemo (*Dendranthema grandiflora* Tzvelev.).

**Figura 19:** Alfinete (A), Margarida (B) e Sorriso de Maria (C).



**Fonte:** Dados da pesquisa, 2020.

Chegamos a fase das mudas por enxerto que é o caso específico de Genipapo, recurso muito utilizado na floricultura, pois devido a cruzamentos e hibridações se obtém alta variabilidade de cores e formas de flores. Destaca-se apenas que o processo de germinação muitas vezes requer maior controle de ambiente, o que pode dificultar o manejo por serem plantas melhoradas geneticamente. A alteração se dá por meio de pequenas estacas. A estaquia é o processo de multiplicação, no qual pequenas porções da planta são coletadas e expostas às condições que favorecem o enraizamento e cruzamento/enxerto, formando uma nova planta. As estacas devem ser retiradas, preferencialmente, após o florescimento ou durante o período de repouso vegetativo da planta. Os tipos de estacas podem variar de acordo com o órgão de origem (caule, folha ou raiz), a posição da planta e a consistência do tecido vegetativo. (SENAR, 2016. p. 59).

Corroborando com as afirmações acima, segundo Ruydivan Oliveira (2021), morador de Genipapo e decorador de ambientes também afirma que o plantio é realizado através de mudas. Essas mudas resultam na manipulação genética da planta que ocorre a junção de duas espécies sendo uma delas selvagem, porque desenvolve mais rapidamente e a outra a da própria produção já existente com melhor qualidade. Então entende-se que é optativo proceder dessa forma, pois é um meio de desenvolver mais rápido, mas existem outras formas do desenvolvimento em tempo hábil, como os fertilizantes que aceleram a genética da planta forçando-a produzir em curto espaço de tempo. Essa manipulação é um procedimento que acontece chamado enxerto (Figura 20), no entanto é realizado pelos próprios produtores, todas mulheres, devido os dons de delicadeza, que denominam à estaca, também de “cavalinho”.

**Figura 20:** Enxerto com estaquia/estacas.



**Fonte:** Ruydivan Oliveira, 2018.

Tecnicamente é um procedimento de produção que exige mão de obra qualificada e é usado em maior parte nas roseiras, estas tendem a brotar novas flores com boa qualidade devido a união das duas espécies. Para o procedimento são consideradas duas plantas: o cavalinho/estaca ou porta-enxerto que é a planta que contribui com o sistema radicular, assegurando a nutrição mineral; e o cavaleiro ou enxerto que é a planta de características nobres que se quer reproduzir, que forma a copa e floresce, sendo responsável pela absorção da luz do sol e do carbono do ar para transformação da seiva bruta em seiva elaborada, indispensável à vida da planta. (RIBEIRO et al, 2005).

Nas lavouras de pequeno, médio ou grande porte, o desenvolvimento dos vegetais, por vezes dependem de algumas prevenções, dentre elas as contra pragas e fungos. Esse cuidado é constante e deve seguir métodos e técnicas específicas para não acabar prejudicando o plantio. Dessa forma, devem ser empregados sempre medidas integradas que previnam e/ou facilitem o manejo de pragas e doenças e, sempre que possível, priorizando-se os métodos culturais e biológicos. Por exemplo,

dar prioridade ao uso do controle biológico ou a utilização de produtos naturais em substituição aos defensivos químicos, pois causam menor impacto ambiental.

Na produção de flores e plantas ornamentais de Genipapo, são adotadas técnicas e procedimentos naturais visando o bom desenvolvimento das plantas com vistas em não causar danos ao meio ambiente. É utilizado esterco de bovinos e caprinos vendido por pecuaristas da própria comunidade. Além desse, as palhadas também são utilizadas assim como folhas de outros vegetais. Procedimento completamente natural.

O processo de enxerto – a enxertia é bastante utilizada nas culturas agrícolas atuais isso porque são preferencialmente para fins comerciais. Além desta, algumas vantagens podem ser consideradas, à saber: precocidade na produção ou a transferência de maturidade; redução no porte da planta o que facilita tratos culturais; assegurar/expandir características desejáveis segregadas por mutações naturais ou induzidas; preservar/multiplicar variedades nobres em qualidade e produtividade; restaurar plantas injuriadas; caráter ornamental ou exótico. (RIBEIRO et al, 2005. p. 2).

Com a aplicação correta dos adubos e defensivos agrícolas que beneficiam as plantas perfazendo em bons resultados. No entanto, cabe ressaltar que, a qualidade resultante dos procedimentos ora mencionados deve ser agregada com outro procedimento/etapa do processo de produção de flores de Genipapo que é a poda. Os primeiros botões das rosas são podados antes de florescer, para a rosa ter galhos mais longos. Os agentes cuidadores das flores, sempre ficam limpando a roseira, deixando uma rosa por haste para ter um acabamento profissional elevando a qualidade das flores. As flores e hastes afetadas por pragas ainda não controladas são retiradas para evitar a propagação da praga e evitar o desgaste de energia (vegetal) com rosas que, conseqüentemente, não servirão. (OLIVEIRA, 2021).

A título de preservar as rosas por mais tempo evitando o desabrochar dos botões, “as rosas também recebem uma redinha, chamada vulgarmente de “camisinha” que evita elas abrirem naturalmente, conservando por mais tempo até a venda” (OLIVEIRA, 2021). Portanto, quando as rosas estão aptas acontece a colheita (Figura 21), momento de descontração, alegria, felicidade e encontro com as tão esperadas flores que desabrocham também no sorriso estampado no rosto de “Dona Maria”. Embasados nas afirmações de Augusto Aki (apud NEVES; PINTO, 2015. p. 39), o consumo de flores está relacionado com as emoções. Devido maioria das

peças terem uma vida com emoções desequilibradas, as flores passam a ter a função de possibilitar um equilíbrio emocional com foco na qualidade de vida. Mediante a isso, uma externalidade da cadeia produtiva diz respeito ao estado de espírito das pessoas e ajuda no relacionamento interpessoal.

**Figura 21:** Colheita de rosas na floricultura da ACPPRG.



**Fonte:** Ruydivan Oliveira, 2018.

A colheita deve ser feita tecnicamente de modo a garantir a vida do vegetal, pois é necessário a utilização de faca ou tesoura de poda, bem limpas e afiadas, para evitar a disseminação de doenças ou dilacerar o ponto do corte. Além disso, o horário estratégico para a colheita das flores e folhagens é no início da manhã ou no final da tarde isso porque a incidência de raios solares é menor nesses horários. Ao contrário, horários com temperaturas elevadas tendem a facilitar a perda de água das plantas, causando murcha e a perda da qualidade do produto. (SENAR, 2016. p. 36).

De acordo com Santana (2014, p. 28), existem normas de manipular determinadas flores que devem ser seguidas quando estas forem encaminhadas para venda. A exemplo da rosa, a palma de Santa Rita não pode ser comercializada para o atacado com as flores já desabrochadas porque existe uma proteção que é colocada

nos botões para evitar desabrochar por um determinado período se acontecer de desabrochar pode ocorrer de a produção perder o valor de venda pela baixa duração das flores, perdendo rapidamente a qualidade.

Depois de colhidas, as flores passam pela retidas dos espinhos, no caso das rosas, e reduz o excesso de folhas. Os buquês são formados misturando as rosas com outras espécies e também são formados por rosas, somente a critério dos clientes consumidores. Atingindo seu momento ápice da colheita, a flores que não são vendidas de imediato, são conservadas envasadas com d'água e/ou em freezer na sede da associação com temperatura que não prejudique em pouco tempo as flores que são envolvidas em papel do tipo jornal. Contudo, a necessidade de ter o aparelho de refrigeração se justifica pelo fato de poder realizar a colheita de flores mais vezes na semana e armazenar adequadamente as mesmas, aumentando a durabilidade e reduzindo as perdas. (SANTANA, 2014. p. 49).

A depender da espécie pode ficar armazenada em freezer até quinze dias, mas com a produção em baixa e a alta demanda, atualmente as flores não ficam armazenadas por muito tempo. São retiradas e direcionadas imediatamente para os consumidores vendidas na modalidade a varejo, pois o varejo ainda é o principal canal de comercialização de flores e plantas ornamentais para o usuário final.

### **2.3.2 Comércio/consumo**

O ramo da floricultura é promissor no que diz respeito ao retorno financeiro a curto ou longo prazo em si tratando de comércio. O consumo caracteriza-se por forte sazonalidade, por ocorrer principalmente em datas comemorativas como Dia Internacional da Mulher, Dia das Mães, Dia dos Namorados, Dia de Finados, natal, ano novo, a demanda portanto aumenta nestas datas. Os consumidores são compostos, principalmente, por pessoas físicas, jurídicas, decoradores de eventos etc. (BRAINER, 2018. p. 2).

Do grupo dos consumidores, podemos destacar como principal a Igreja Católica. Demanda influencia diretamente com o comercio local de flores, podendo inclusive pegar em cidades vizinhas porque somente em Genipapo não dá suporte. Além da Igreja Matriz da cidade de Saúde, tem as de Genipapo, Caldeirão e São Miguel, estas são as que mais procuram por flores em Genipapo durante o ano inteiro, se tornando a principal consumidora. O consumo pelas igrejas ora citadas, acontece semanalmente em missas as terças e quintas-feiras e aos domingos. Quando

acontecem os períodos de festa nestas igrejas, a floricultura de Genipapo não dá suporte a demanda porque são necessárias muitas espécies e logicamente mais trabalho.

Os decoradores (Figura 22) também são grandes consumidores de flores. Adquirem flores temperadas, principalmente, rosas, flores tropicais e folhagens, em corte ou em vaso, e até pétalas de rosas, para finalidade de fazer "chuva de pétalas" em casamentos, hoje tão comum. Além disso, os decoradores usam as flores para decorarem eventos, como casamentos, aniversários, formaturas, confraternizações e outros. Esses agentes consomem bastantes flores, é grande a quantidade de eventos como já citados, que acontecem eventualmente nas cidades próximas a Genipapo. Resulta daqui a grande demanda por flores, por parte dos decoradores, muitas vezes não supridas pelos produtores (BRAINER, 2018. p. 9).

**Figura 22:** O decorador ao saber fazer (A) e o resultado (B)



**Fonte:** Dados da pesquisa, 2021.

Para tentar manter o fornecimento ativo atendendo ao máximo possível as demandas, destacamos e julgamos de fundamental importância a função das Associações, Cooperativas nessa cadeia produtiva. Sendo assim a cadeia produtiva permite a visualização, de forma integral, das diversas etapas e agentes envolvidos

na produção, distribuição, comercialização (atacado e varejo), serviços de apoio como assistência técnica, e consumo da mercadoria (CASTILLO; FREDERICO, 2010. p. 466). As mercadorias por meio das cooperativas e associações mantêm equilíbrio ou procura manter, para suportar toda a demanda do produto. Os círculos de cooperação entre produtores são indispensáveis por permitirem colocar em conexão as diversas etapas, especialmente separadas, da produção, articulando os diversos agentes e lugares que compõem o circuito espacial da produção. (CASTILLO; FREDERICO, 2010. p. 464).

Portanto, como afirmam Neves e Pinto (2015, p. 41 e 45), para os agentes da cadeia produtiva é essencial conhecer os períodos de maior consumo e histórico de vendas, tornando possível um melhor planejamento do negócio, independente se o foco é a produção ou a comercialização das flores e plantas ornamentais. Por isso a cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais utiliza como seus principais canais de distribuição a venda direta entre o produtor e o consumidor final, o atacado especializado, o varejo e os serviços de decoração e paisagismo. Outro meio importante na realidade da floricultura de Genipapo é a comercialização em feira livre e na própria sede da associação, onde são feitas encomendas de quantidades e agendando previamente com os responsáveis, porque o contato dos ambulantes é direto com o consumidor e o pagamento é à vista, "as atividades do circuito inferior são baseadas simultaneamente no crédito e no dinheiro líquido". (SANTOS, 2008, p.44).

Embora em número consideravelmente baixo em relação a outras culturas, a floricultura emprega muitos brasileiros. O segmento da produção de flores no Brasil agrega mais de oito mil produtores e movimenta cerca de 1,6 bilhão de reais. No Nordeste são mais de 1.100 produtores de 1.297 municípios, que cultivam dois mil hectares de flores e plantas ornamentais. (BRAINER, 2018. p. 1).

No caso da Bahia se apresenta como o estado que possui a maior quantidade de municípios, com 10 ou mais estabelecimentos maior número de polos de produção dentre eles, o Centro Norte Baiano, localização que engloba a floricultura de Genipapo, mas pode ser que sua produção não esteja catalogada. Sua produção tanto de flores tropicais quanto temperadas destina-se, principalmente, aos mercados das cidades locais e microrregionais. (BRAINER, 2018. p. 3).

No que diz respeito ao mercado local e regional, a grande maioria dos projetos consegue facilmente escoar a produção de flores e plantas ornamentais, tanto no

município produtor, como nos municípios circunvizinhos e região, fato que demonstra o grande potencial do mercado interno (SHERER, 2008. p. 13). A rápida integração a esses mercados permite que cada projeto possa expandir a sua área de produção, para atender e consolidar outros mercados, inclusive fortalecendo o abastecimento para o mercado mais distante. Em Genipapo existem áreas maiores que podem ser exploradas atividades de floricultura, mas a carência de mão de obra chega a ser maior e fracassa a ideia de estender a atividade.

No mundo globalizado, as relações comerciais, a troca de informações, os intercâmbios de mercadorias e pessoas se dão em tempo real. Nas relações de produção, as regiões, territórios e lugares buscam formas de integrar-se à pauta de valorização de sua produção, agregando mecanismos singulares que possam diferenciá-lo de outros sistemas produtivos semelhantes. Por isso se preza pela qualidade da produção, algo de preocupação de todos os agentes envolvidos no processo produtivo e que vai além priorizando satisfazer as necessidades dos consumidores. (CALDAS, 2019, p. 4).

Segundo Neves e Pinto (2015), “tradicionalmente as floriculturas sempre estiveram focadas na comercialização das flores e plantas ornamentais. No entanto, esse comportamento tem se alterado ao longo dos anos”. Gradativamente, esses agentes passaram a inserir a prestação de serviços aos clientes, agregando assim valor aos produtos.

Atualmente, vender somente flores ou plantas se mostra insuficiente, mesmo assim são vendidos, buquês, arranjos florais, rosas individuais, entre outros. Além disso, na Associação são produzidos outros produtos advindos da agricultura, mas são voltados para a alimentação, todavia contribui com o funcionamento e manutenção da associação.

### **CAPÍTULO 3 – DESAFIOS E POSSIBILIDADES**

É natural que em todos os ramos e/ou atividades que desenvolvemos, mesmo que rotineiramente, nos deparamos com algumas dificuldades. Serve, em alguns casos para nos alertar a alguma mudança de comportamento, em decisões etc. mas também serve para perdermos espaço em determinado lugar, conquistas etc. Em si

tratando de agricultura pode-se enumerar diversos desafios a serem enfrentados com a possibilidade de ser superado ou fracassado.

Na lavoura a chuva de mais causa prejuízos, assim como a sua escassez. Pequenas palhoças e roçados modificam a estrutura do solo e polui o ar, mas deixa “o terreno limpo”. Sendo assim, desafios como estes aqui mencionados fazem parte de um conjunto que fez a produção de flores da Associação Comunitária dos Pequenos Produtores Rurais de Genipapo chegar a uma fase decadente. No decorrer deste capítulo, será abordado sobre estas questões, mas serão também sugestões de possibilidades de melhoria e o que pode ser feito mediante concepções de alguns teóricos e análise de solo em laboratório com amostra coletada na área pertencente a Associação, principalmente no que tange a floricultura.

### **3.1 Desafios**

Muito já foi discutido ao longo deste trabalho sobre o lugar e o que leva a caracterizar o fomento desta, que é uma das categorias da geografia mais debatidas. No entanto, cabe ressaltar que em meio às belezas das flores, sua produção, sua comercialização e seu consumo, acontecem algumas situações desafiadoras, a exemplo, na produção, para os administradores e para os agricultores. É sabido que a forma concreta da existência do homem através do trabalho vem à tona o que chamamos de geograficidade, assim como afirma Monteiro (2012, p. 195) “grosso modo, seriam as formas de existência do homem em sua relação seminal e concreta com a Terra, ou a natureza, ou o meio.” Segundo Santos (2017, p. 25), “a geograficidade se apresenta como sentimentos de afeto e cuidado onde coexistem nesse processo com a construção de saberes e a realização dos fazeres no cotidiano”. Assim sendo, no próximo tópico discutiremos acerca dos saberes e fazeres encarados como desafios na produção de flores em Genipapo.

Por isso Dardel (2011 apud SANTOS, 2017) relaciona a expressão de construção do saber e realização do fazer a uma sensibilidade geográfica inerente à espécie humana e que a coloca em permanente encontro intencional com o mundo, permitindo a construção do “Amor ao solo natural”, de ir à “busca por novos ambientes” e nesse cotidiano de criação conservar “uma relação concreta” ligando o ser humano à Terra. A realidade é que mesmo tendo amor à Terra, às produções ocorrem problemas e desencontros perante formas e possibilidades tanto na melhoria quanto nas piores.

Alguns desafios são facilmente superados porque “as relações e interações realizadas no cotidiano dependem da espacialidade inerente à essa existência” (SANTOS, 2017. P. 25). A espacialidade mencionada pelo autor está relacionada ao modelo como os agricultores encaram os eventuais problemas, sendo que alguns são controlados de modo ágil e fácil enquanto que outros demandam de maior tempo e dificuldade.

De acordo com Castillo e Frederico (2010, p. 466) a cadeia produtiva inclui "matérias-primas, máquinas e equipamentos, produtos intermediários até os finais, sua distribuição e comercialização", implicando em crescente divisão do trabalho e especialização em etapas distintas do processo produtivo, em diferentes proporções de escalas. Outro desafio recorrente em Genipapo é justamente a capacitação para utilização de equipamentos e máquinas, pois maior parte dos associados contam com um certo despreparo para utilizar um trator, por exemplo, mas quando necessitam contratam mão de obra a terceiros.

Desafios como pragas e doenças nas plantas são comumente controlados em pouco tempo porque é algo que acontece com maior frequência e a solução é encontrada fácil, se não com próprios meios naturais de combate as essas pragas e doenças, em lojas de produtos agropecuários são encontrados produtos venenosos que eliminam as pragas, mas deve utilizada com cautela de com a máxima precaução possível para não prejudicar o vegetal. Diferenciado de outros mais duradouros e/ou dificultoso o controle destes depende somente de técnica, não precisa ser bem aperfeiçoada. Adiante são apresentados outros que necessitam de mais tempo.

### **3.1.1 Desistência de associados e falta de mão de obra**

Uma das características mais marcantes do atual período histórico encontra-se no exponencial aumento dos fluxos materiais e imateriais, decorrente da gradativa mundialização da produção, prestação de serviços e de consumo. Sabendo das dificuldades muitas delas financeiras encontradas no interior das cidades, muitas pessoas acabam se deslocando para cidades maiores em busca de possibilidades de melhoria. Esse fluxo de prestação de serviços pode ser executado em todos os lugares, contudo nem sempre as oportunidades são de acordo com a pretensão das pessoas que novamente recorrem a outros meios.

Cabe aqui ressaltar novamente a importância das cooperativas e associações que visam a manutenção da mercadoria para atender a todo tempo à demanda, sendo

que estas atuam como centro de coleta. Diferentes produtores chegam mantêm os estabelecimentos sempre com mercadoria, por isso a logística, compreendida como a expressão geográfica da circulação corporativa, permite analisar as condições materiais e o ordenamento dos fluxos que perpassam os circuitos espaciais produtivos (CASTILLO; FREDERICO, 2010. p. 466). Portanto, pode-se afirmar que existe uma política social de inserção de trabalhadores em uma atividade economicamente rentável, no caso o cultivo de flores. (SANTANA, 2014. p. 69).

Com a crescente especialização produtiva dos lugares, possibilitada pela combinação entre o desenvolvimento dos sistemas de transportes e comunicações aumentam os fluxos materiais e informacionais tornando mais complexas a distribuição espacial das atividades econômicas e a articulação entre as diferentes etapas, em diferentes lugares da produção, mas assim a chamada globalização, emergente na década de 1970, a expansão e a modernização do sistema de telecomunicações e de transportes formam a dinâmica espacial entre pessoas e serviços. (CASTILLO; FREDERICO, 2010. p. 462).

Apesar de representarem oportunidades aos empreendedores, as floriculturas enfrentam como principal desafio o componente “custo de mão de obra”, que vivencia a dupla ocorrência de escassez na oferta qualificada e aumento no valor remunerado. Sob essa perspectiva, chegando a superação desse desafio, é esperado que esses serviços e produtos tomem cada vez mais relevância na receita das floriculturas (NEVES; PINTO 2015. p. 48). Na produção de flores da Associação Comunitária dos Pequenos Produtores Rurais de Genipapo a mão de obra tem sido um problema eminente sobre a produção em grandes quantidades. Como quanto maior a área, maior é a demanda de mão de obra, ao passo que a produção foi decaindo alguns associados foram procurando outras atividades e não mais a floricultura. O atual número de associados reduziu ao ponto de ter terra mas não ter a produção porque o número de associados interessados é bastante reduzido não chegando a cinco. Hoje a Associação dispõe de espaço e de estrutura para o maior cultivo de flores mas falta gente que lide ou que tenha interesse em lidar com essa produção. Esse é um problema/desafio que não se resolve com facilidade e sem coragem, aptidão para investir na lavoura/cultivo de flores.

### 3.1.2 As queimadas

A atividade florística requer muito cuidado em seu ciclo produtivo por completo. Dessa forma, apesar de toda beleza e exuberância das flores e das inúmeras vantagens na cultura há algumas desvantagens no cultivo, como por exemplo: o solo pode ficar pobre se não houver a reposição dos nutrientes necessários após os ciclos produtivos, além do mais o que pode empobrecer os solos é a utilização adubação sem o devido conhecimento técnico, deve-se atentar à utilização correta e necessária para que não ocorram prejuízos ao solo. Pelo fato de dar resultados rápidos com a manipulação da genética das plantas, muitas pessoas acreditam que com a utilização de agrotóxicos elas podem aumentar sua produção, porém com essa utilização muito prejuízos podem ocorrer o que requer muita técnica, pois é interessante a utilização de adubos e defensivos orgânicos, com já vem adotando.

Os cuidados com o solo devem ser mantidos rotineiramente e o manejo bem realizado, mas um problema enfrentado e difícil de convencer aos agricultores são as queimadas, eles têm o hábito de fazer algumas queimadas, segundo eles retratam, serve de limpeza para a área, ou seja, é uma preparação que eles fazem no solo para o cultivo. Essa cultura está enraizada nos agricultores porque vêm de muito tempo e poucos são os que estudam/conhecem o problema e retorna a atividade, acredita-se faltar capacitação com relação aos danos ao solo causados pelas queimadas.

Para Pereira e Silva (2016), a queimada é uma técnica agrícola amplamente usada no Brasil por pequenos e grandes produtores, com graves prejuízos ao meio ambiente, perdas econômicas e danos à saúde humana, ou seja, além dos prejuízos ao solo, a saúde e bem-estar dos agricultores também são atingidos pelas consequências das queimadas. Isso costuma ocorrer em determinados períodos como de estiagem que corroboram no desenvolvimento dos incêndios, contudo as ações antrópicas são as principais responsáveis para diferentes fins, agricultura, pastagens, extração de madeira, carvão etc.

Portanto, sabendo que não passa de ações humanas na tentativa de solucionar problemas com o solo, acabam sendo problemas considerados ainda maiores, entendemos que momentaneamente as queimadas podem ser de fato uma solução rápida para atender as necessidades desses pequenos agricultores, porém tal ação praticada com frequência, deixa o solo completamente sem nutrientes e desprotegido, causando enormes danos não somente ao meio ambiente, mas também na qualidade dos produtos cultivados.

Para os pequenos agricultores, a queimada é um dos principais motivos que deixam o solo preparado para o plantio. A maioria desses pequenos agricultores não têm conhecimento do lado técnico, só sabem o que foi passado dos seus pais para eles, portanto, como contribuição e proposta de melhoria, foi solicitado uma análise de solo da Associação onde foram coletadas amostras em pontos diferentes da propriedade e encaminhadas a laboratório para que os agricultores compreendam melhor o que pode estar acontecendo, e como equilibrar os nutrientes do solo voltando a produzir mais flores mesmo sem acréscimo da área e da cultura.

### **3.1.3 Enchente de 2019**

Aqui no sertão nunca se imaginava algum dia uma enchente trazer consequências negativas. Logo aqui onde a chuva é sempre muito bem-vinda. Mas aconteceu em 2019 e desfavoreceu a lavoura local que foi perdida parcialmente, inclusive a área do cultivo de flores. Sabendo da capacidade hídrica que existente no município, pelo Genipapo passa o Rio da Charneca, encontrando-se mais adiante com o Rio das Pedras, em períodos chuvosos, o escoamento das águas aumenta, com isso, aumenta também o nível dos rios. Aos dois dias de abril do ano de 2019 diversos municípios do norte do estado tiveram chuvas inesperadas a um nível de precipitação muito forte, acima de 50 milímetros de chuva, o município de Saúde estava incluso, e foram horas de chuva, aumentando instantaneamente os níveis da água do rio que fica próxima à área estudada em Genipapo, levando todos os nutrientes ainda restantes no solo, através do processo de lixiviação.

Este é um fato que acontece em todo o Brasil, pois

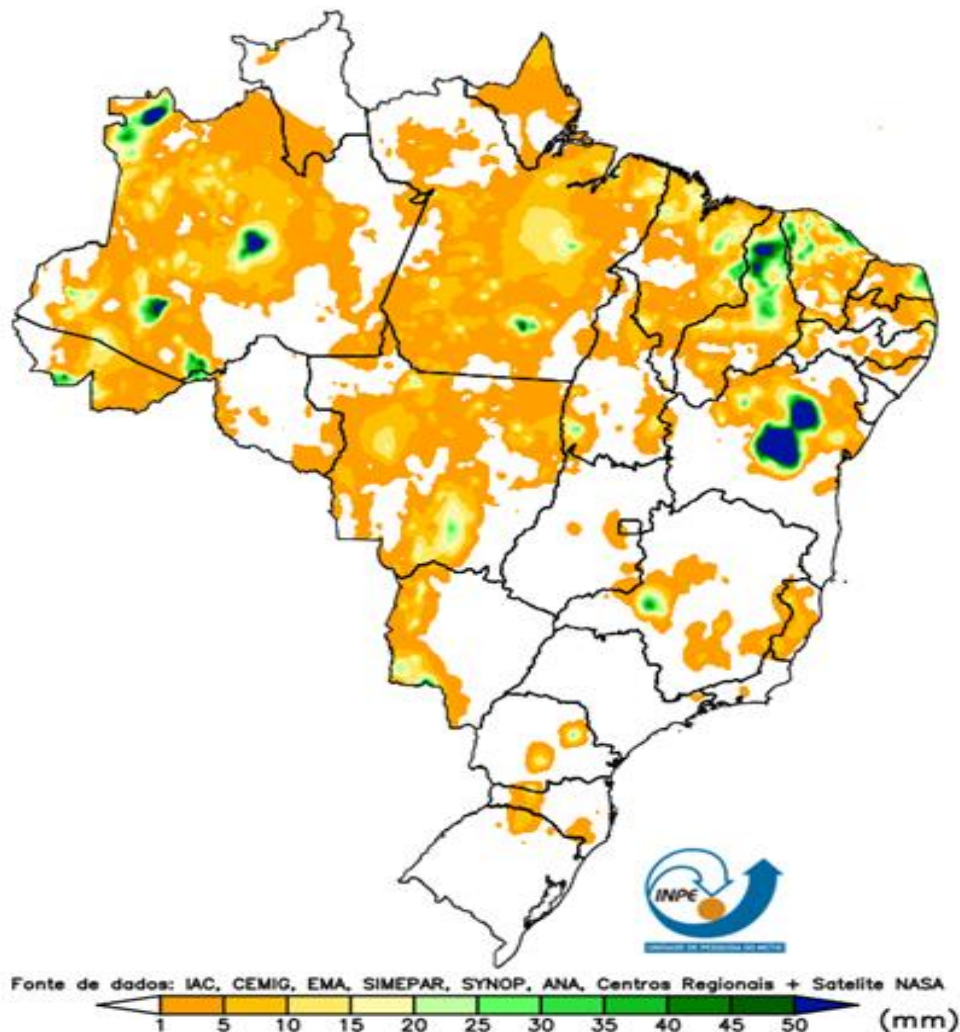
A principal forma de erosão é a hídrica, que é provocada pela ação das chuvas, acarretando a desagregação e o transporte do solo pela enxurrada. Além das partículas de solo em suspensão, o escoamento superficial transporta nutrientes, matéria orgânica, sementes e defensivos agrícolas, acarretando o empobrecimento gradativo dos solos agrícolas, a elevação do custo de produção e, às vezes, resultando no abandono de áreas anteriormente produtivas (BERTONI & LOMBARDI NETO, 1990; PARKER et al., 1995 apud SILVA et al., 2005; p. 410).

Acredita-se que o que ocorreu em Genipapo foi exatamente esse processo porque a produção caiu muito rápido e após as chuvas. As chuvas de 2019 podem ter transformado o solo deixando-o quase que improdutivo. A localização em terreno plano às margens do referido rio, pode ter sido também um fator que favoreceu para o alagamento advindo da enchente, contudo é uma área de brejo e que já foi

correnteza do próprio rio há muitos anos. Na imagem a seguir (Figura 23), pode-se observar os índices de precipitações no Brasil, sobretudo na Bahia na data em discussão. Devido à localização, propícia a ocorrer novamente, o manejo do solo bem estruturado pode ser uma alternativa para conter a produção ainda em condições de existência.

A intensidade e a duração da chuva resultaram da enchente que pode ter causado a perda expressiva da cobertura do solo e perda de nutrientes importantes, reduzindo o número de flores produzidas e prejudicando de forma direta a estrutura da lavoura que levou tempo até a recuperação parcial. Espera-se com a possível identificação dos problemas e os modelos apresentados neste trabalho, que os agricultores e diretores sejam incentivados a instituir, mesmo que gradativamente, metodologias condicionais que podem melhorar a produção.

**Figura 23:** Precipitação ocorrida em 02 de abril de 2019.



### 3.2 Possibilidades

Como vimos no decorrer do presente trabalho, no que tange aos desafios encarados pela Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Genipapo e a floricultura remontamos falar sobre os mesmos, porém de forma a apresentar propostas de melhorias e indicações para possíveis soluções. Sobre a capacitação propõe-se convênio ou empregabilidade de assessoria inerente ao tipo de produção. Sendo assim, a presença de organizações de fomento como o SEBRAE seria de grande importância para orientação e instruções no cultivo, essencialmente quando este estiver em fase de implantação ou início de operação. (SANTANA, 2014. p. 48). Tendencialmente, cursos, capacitações, aprimoramentos técnicos impulsionam e incentivam o produtor a produzir, independentemente do ramo.

Com a mão de obra adequada e com conhecimentos técnicos comprometidos com o aprimoramento e qualificação, eventuais problemas podem deixar de acontecer inclusive com relação a quantidade de pessoas, estes, mesmo poucos, dariam conta suficiente, mas precisam de incentivo e talvez uma investidura na qualificação profissional pode ser a chave para atrair novos membros para a Associação e conseqüentemente para o trabalho.

Além disso, com relação aos defensivos agrícolas, existem meios de serem aplicados sem a necessidade de serem industrializados. Os defensivos naturais, também chamados de “alternativos”, são produtos preparados a partir de substâncias não prejudiciais à saúde humana e ao meio ambiente, que favorecem a produção de alimentos mais saudáveis para o consumidor final (AYRES et al, 2020). Ainda assim, segundo a autora, os defensivos naturais resultam na baixa ou nenhuma toxicidade ao homem e a natureza e eficiência no combate aos insetos e microrganismos nocivos, além destes estimulam o metabolismo das plantas que reagem quando pulverizadas, aumentando a resistência aos ataques.

Portanto, para controle de pragas e doenças, seguem algumas receitas naturais retiradas da Cartilha de Defensivos Naturais (AYRES et al, 2020):

1. Inseticida de água e cinza, atua como fertilizante e repelente de pragas. Preparo: Juntar 2 kg de cinza e misturar a 10 litros de água. Deixar descansar por um dia. Para a aplicação deve se coar em saco de estopa para evitar entupimento do pulverizador ou regador e pulverizar ou regar sobre as plantas.

2. Calda de alho, atua no controle de lagarta de maçã, pulgões, míldio e ferrugem. Junte 100g de alho; meio litro de água; 10g de sabão; 2 colheres (de café)

de óleo mineral pegue os dentes de alho que devem ser finalmente moídos e deixados em repouso por 24 horas em 2 colheres de óleo mineral. À parte, deve dissolver 10 gramas de sabão em meio litro de água. Misturar então, todos os ingredientes e filtrar. Antes de usar o preparado, diluir o mesmo em 10 litros de água, podendo, no entanto, ser utilizado em outras concentrações de acordo com a situação.

3. As folhas de arruda são ótimas para combater os pulgões e ajudam a manter os cítricos saudáveis, é repelente de insetos, formigas e ratos. A planta causa irritação à pele quando colhida ao sol, não pode ser ingerida. 100 g de folhas secas e 1 litro de água. Picar as folhas, ferver durante 5 minutos e aguardar 24 horas. Depois coar e misturar a 20 litros de água. Pulverizar nas plantas e locais onde aparecem formigas. Estas indicações podem auxiliar e substituir agrotóxicos industrializados por defensivos naturais.

Em relação às enchentes, esta é inevitável. Já as queimadas podem ser evitadas através da inserção dos agricultores ao conhecimento sobre as consequências, para tanto as palhas e folhas secas para não serem queimadas podem ser utilizadas como adubos como método definido por Alcântara e Madeira (2008) denominado “cobertura morta”. É a palhada disposta sobre o solo para a realização do plantio. A obtenção da cobertura morta pode ser feita pela importação de palhada de outra área ou pelo cultivo de plantas de cobertura, fornecedoras de palhada, e seu manejo (corte) no próprio local. Produzindo a palhada no próprio local, o agricultor está respeitando o princípio da sustentabilidade, preconizado pelos sistemas orgânicos de produção, reduzindo a importação de insumos, considerando a propriedade ou a área. Portanto a higiene acontece sendo retirada a palhada do local indesejado para a cobertura dos trincos dos vegetais (ALCANTARA; MADEIRA, 2018. p. 7).

Como proposta de melhoria e pesquisas houve a necessidade da realização de análise de solo (Anexo A) laboratorial realizado pelo Laboratório de Análises de Solo e Plantas – LASP em 08 de junho de 2020. Este teve o objetivo de aferir o ph do solo para tentar repor os nutrientes necessários, mas o resultado foi satisfatório, pois só seria necessário complementação se o resultado fosse abaixo de 60% o índice de ph, o resultado, portanto foi 72%, porém algumas recomendações se fazem necessário: (I) A adubação mineral de plantio ou de formação deve ser feita no dia anterior ao plantio das mudas, incorporada à superfície dos canteiros, juntamente com 15 kg/ha de bórax; (II) Atentar para que a adubação mineral de plantio forneça,

também, o enxofre (20 a 30 kg/ha de S); (III) Como fonte de potássio deve ser utilizado o sulfato de potássio, evitando-se a adição de cloro, elemento tóxico para a cultura da roseira; (IV) Com relação ao fósforo, devem ser utilizadas formulações com alta solubilidade em água, aplicadas localizadamente; (V) A adubação suplementar de cálcio e magnésio pode ser feita em cobertura aplicada junto à água de irrigação, desde que sejam utilizados, como fonte, fertilizantes solúveis em água (nitratos de cálcio e de magnésio). Antes da aplicação da solução, deve ser feita, se necessário, escarificação do solo, conforme laudo de recomendação de corretivo e adubação de solos (Anexo B). Estas foram algumas das contribuições que teve se a preocupação em deixar para Associação encabeçando a mesma a escolher as melhores possibilidades indicadas neste trabalho.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A floricultura é uma atividade encantadora, não somente pela beleza envolvente expostas nas flores, mas também pelos elos ligados à geografia. O espaço, o lugar, a economia, a geomorfologia, a cartografia, a cultura são elementos que nos instigam, como pesquisador fazendo com o que investigamos mais sobre cada etapa (re)descobrimos caminhos e experiências inigualáveis em meio as experiências e estadia momentânea com o objeto de estudo deste trabalho. Ao povo de Genipapo só temos a agradecer por ter proporcionado bons momentos durante as poucas visitas interrompidas pela triste pandemia da Covid-19, mas retomada gradativamente neste ano.

Nesse percurso as conversas/ observação participante foram determinantes para concluirmos este trabalho. Contudo, no início desta pesquisa nos deparamos com uma realidade aparentemente comum, mas ao adentrar percebemos o quão complexo é a produção de flores. Para muitos é um processo simples e natural, mas identificamos que é um trabalho árduo e compensador simultaneamente. Ao mesmo tempo que se preocupa em plantar e toda a lida, já se imagina o resultado quando as flores desabrocharem.

Considerando o espaço como a essência no cerne das pesquisas geográficas, é preciso pensar como algo dinâmico e mutável como Ângelo Serpa (2006) destaca. Este trabalho permitiu entendermos a dinâmica espacial mencionada pelo autor

porque o contato com a realidade é a vivência real e espiritual das discussões pré-estabelecidas mediante leituras e metodologias, por sinal fundamentais para compreensão dos eventos ocorridos no espaço onde tivemos a oportunidade de nos aproximar do reflexo e condição da/para a ação dos seres humanos, como espaço vivido e, por isso mesmo, “representável”, algo passível de “apropriação”.

Os objetivos propostos e apresentados foram alcançados, voltamos a dizer, a metodologia foi primordial. Além disso, permitiu associar o conceito de lugar junto ao povoado de Genipapo e percebemos o quanto é importante a história e a função da Associação para os envolvidos/associados e para os demais do povoado valorizando ainda mais o lugar.

A historiografia de Saúde e de Genipapo estão entrelaçadas. Nos primeiros passos de Saúde, ainda como vila, Genipapo já existia entre os denominados distritos junto com Serra Branca e Itacurubi. Não tínhamos ideia de quanto é importante compreendermos a história dos nossos lugares, como surgiu, alguns responsáveis e com aconteciam as trocas comerciais, a estrutura agrária, meios de subsistência.

A produção de flores de Genipapo ainda é muito importante para todos da população circunvizinhas, mas já houve status melhores. Pode ser só uma má fase, outrossim os responsáveis podem/devem ser persistentes pois é um ambiente que agrada a muitas pessoas e principalmente o corpo diretor e associados, agricultores e/ou não. Acreditamos que mesmo em meio as dificuldades ainda têm muito potencial para superar e desenvolver mais espécies. Vimos que a ampliação também pode ser uma válvula de escape, claro que deve ser de acordo com todos os componentes da entidade e seus interesses. Por outro lado, sugerimos que alternem entre as espécies. Quanto mais variações forem produzidas maior será a demanda, mas precisa de estratégia de marketing, lembrando que só será possível quando o interesse maior for dos produtores.

O papel que a Associação desenvolve é importantíssimo porque não fica preso apenas a unicidade da produção de flores, além do mais a ideia de associação é justamente a união de vários em prol de um único fim. Neste caso, somam-se a produção de hortaliças, frutas e flores, juntos eles levam alegria e alimento às diversas famílias. Hoje em dia, o alimento quanto mais orgânico, saudável, melhor, além de ser mais procurado. Um maior investimento na área de hortaliças também não pode ser dispensado, isso porque a alimentação é constante, muito mais que flores, em contrapartida a competitividade também é maior.

Finalizando, o proposto aqui se apresenta apenas como indicação e possibilidades, não necessariamente é o mais correto, coerente, são sugestões. A chave para maior contribuição de modo a retribuir a gentileza prestada por todos, é a análise de solo com laudo técnico. Por meio deste, abre-se mais possibilidade de melhoria da produção com métodos econômicos adaptáveis à floricultura, principalmente nas roseiras. Portanto, espera-se que este venha contribuir com o fomento de segmentos semelhantes e que os lugares e atividades econômicas como a floricultura de Genipapo sejam geograficamente mais valorizados e explorados.

## REFERÊNCIAS

ALCANTARA, Flávia A. de; MADEIRA, Nuno Rodrigo. **Manejo do solo no sistema de produção orgânico de hortaliças**. Circular técnica, n. 65. Brasília-DF, 2008.

ALENTENJANO, Paulo. Questão agrária no Brasil do século XXI: uma abordagem a partir da geografia. São Paulo: **Terra Livre**, v. 1, n. 36, 02 jan. 2011. Semestral. Disponível em: <<https://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/view/426/403>>. Acesso em: 05 mar. 2020.

ALMEIDA, Violeta Odete de. **Saúde integral**. Bahia, 1998. Ed. do autor.

AKI, Augusto. **Como funciona a indústria de flores na colômbia – maior exportador mundial**. 2019. Disponível em: <<https://www.negocioscomflores.com.br/noticias/como-funciona-a-industria-de-flores-na-colombia-maior-exportador-mundial/>>. Acesso em: 07 mar. 2020.

AYRES, Marta Iria da Costa et al. **Defensivos naturais: manejo alternativo para pragas e doenças**. Editora INPA. Manaus-AM, 2020. 32 p.

BARÔNIO, Gudryan Jackson et al. **Entre flores e visitantes: estratégias de disponibilização e coleta de recursos florais**. Oecologia australis, v. 22, n. 1. Rio de Janeiro-RJ, 2018. p. 390-409.

BRAINER, Maria Simone de Castro Pereira. Quando nem tudo são flores, a floricultura pode ser uma alternativa. **ETENE**. Ano 3, n 42. São Paulo, 2018, p. 1-17.

BRASIL. Sebrae. **Venda de flores para o exterior: Vantagens e desvantagens da exportação de flores e da participação no mercado internacional**. 2017. Disponível em: <<https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/venda-de-flores-para-o-exterior,f4e9438af1c92410VgnVCM100000b272010aRCRD>>. Acesso em: 07 mar. 2020.

CALDAS, Alcides dos Santos. Indicações geográficas: valorização e saber fazer nos territórios da propriedade intelectual. **Anais: XII Enanpege**. São Paulo, 2019.

CANAL RURAL. **Como funciona o sistema de irrigação por gotejamento**. São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://www.canalrural.com.br/sites-e-especiais/expointer-universitaria-saiba-como-funciona-sistema-irrigacao-por-gotejamento-36780/>>. Acesso em: 11 nov. 2021.

CASTILLO, Ricardo; FREDERICO, Samuel. **Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo, sociedade e natureza**. Uberlândia-MG, 2010. p 461-474.

CHARTIER, Roger. **“Cultura popular” revisando um contexto historiográfico**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, 1995, p. 179-192.

CODETER. **PLANO TERRITORIAL DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E SOLIDÁRIO – PTSSS**: Território Piemonte da Diamantina. Bahia, 2017.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito chave da geografia. In: Iná Elias de Castro; Paulo Cesar da Costa Gomes; Roberto Lobato Corrêa (org). **Geografia: conceitos e temas**. Bertrand Brasil, 2 ed. Rio de Janeiro, 2000.

COSTA, Kássia Kiss Silva da; SANTOS, Camila Dutra dos. O circuito superior e inferior do comércio de flores em fortaleza. **Anais**: III Seminário Regional Comércio, Consumo e Cultura nas cidades - SRCCC. Sobral-CE, 2017.

DAMIANI, Amélia. **População e geografia**. Editora Contexto, 2 ed. São Paulo, 2002.

DINIZ, José Willian Mota. **Panorama da floricultura e plantas ornamentais no Brasil**. 2018. 35 f. TCC (Graduação) - Curso de Agronomia, Universidade Federal do Maranhão, Maranhão, 2018, 35 p.

EOS. **Principais formas do uso da água na agricultura**. 2017. Disponível em: <<https://www.eosconsultores.com.br/uso-da-agua-na-agricultura/>>. Acesso em: 11 nov. 2021.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo agropecuário**. 2017.

HOLZER, Werther. O conceito de lugar na geografia cultural humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea. **GEOgraphia**, ano V, n.º. 10. Rio de Janeiro, 2003.

JUNQUEIRA, Antonio Helio; PEETZ, Marcia da Silva. Mercado interno para os produtos da floricultura brasileira: características, tendências e importância socioeconômica recente. **Revista brasileira de horticultura ornamental**. V. 14, n. 1, p. 37-52. São Paulo, 2008.

KAISER, Bernard. **O geógrafo e a pesquisa de campo**. Boletim Paulista de Geografia. São Paulo 2006. n.º 84, p. 93-104.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 310 p.

MARCOS, Valéria de. **Trabalho de campo em geografia: reflexões sobre uma experiência de pesquisa participante**. Boletim Paulista de Geografia. São Paulo 2006. n.º 84, p. 1015-136.

MONTEIRO, Juliana Pereira de Andrade. **Da representação à consciência geográfica: o lócus, a existência, o filme**. Geograficidade | v.2, Número Especial, Primavera 2012. p. 190-201. ISSN 2238-0205.

NEVES, Marcos Fava; PINTO, Mairun Junqueira Alves (org.). **Mapeamento e quantificação da cadeia de flores e plantas ornamentais do Brasil**. Ocesp. São Paulo, 2015.

PEREIRA, J. A. V.; SILVA, J. B. Detecção de focos de calor no estado da Paraíba: um estudo sobre as queimadas. **Revista geográfica acadêmica**. 2016. p. 05-16.

PEREIRA, Raimundo Moraes. **Memórias na varanda**. Ed. do autor. Saúde-BA, 2004.

RIBEIRO, George Duarte et al. **Enxertia em fruteiras**. Embrapa. Porto Velho-RO, 2005).

ROCHA, Luzianny Borges. **A produção de flores no estado do Ceará em Baturité, Redenção e São Benedito**. 2006. 144f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Centro de Ciências, da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, Ceará, 2006.

SANTANA, Érico José de Souza. **Produção de flores no município de maracás (BA): perspectiva e limitações**. 77 p. TCC (Graduação) - UFBA, Salvador, 2014.

SANTOS, Mario Alberto dos. **Espaço, geograficidades e ação política comunitária na resex marinha de Canavieiras-BA**. UFBA. Salvador-BA, 2017.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. 260 p.

SANTOS, Milton. **O espaço geográfico como categoria filosófica**. V Encontro Nacional de Geógrafos. Porto Alegre-RS, 1982.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido**. São Paulo: Edusp, 2008. p. 440.

SENAR. **Plantas ornamentais: produção de flores de corte**. Coleção 171. Brasília-DF, 2016.

SERPA, Ângelo. **O trabalho de campo em geografia: uma abordagem teórico-metodológica**. Boletim Paulista de Geografia. São Paulo, 2006. p. 7-24.

SERPA, A. Ser lugar e ser território como experiências do ser-no-mundo: um exercício de existencialismo geográfico. **Geosp – Espaço e Tempo**, v. 21, n. 2, p. 586-600, agosto. 2017. ISSN 2179-0892.

SILVA, D. Demétrius et al. **Efeito da cobertura nas perdas de solo em um argissolo vermelho amarelo utilizando simulador de chuva**. Eng. Agric., Jaboticabal, v. 25, n. 2, p. 409-419.

SILVA, Juniele Martins; MENDES, Estevane de Paula Pontes. Abordagem qualitativa e geografia: pesquisa documental, entrevista e observação. *In*: MARAFON, Glaucio José, et al (org). **Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teóricas-conceituais aplicadas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. 547 p.

SIMONETTI, Eliana. **Agricultura: o caminho das flores**. 2006. Ipea. Disponível em: <[https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1131:reportagens-materias&Itemid=39](https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=1131:reportagens-materias&Itemid=39)>. Acesso em: 17 fev. 2020.

SOUZA, Ângela Fagna Gomes de. Saberes dinâmicos: o uso da etnografia nas pesquisas geográficas qualitativas. *In*: MARAFON, Glaucio José, et al (org). **Pesquisa**

**qualitativa em geografia: reflexões teóricas-conceituais aplicadas.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. 547 p.

SCHERER, Andréa Mendes Sampaio. **As flores da Bahia.** Bahia Agrícola, v. 7, n. 3. Salvador, 2006.

STANISKI, Adelita; KUNDLATSCH, Cesar Augusto; PIREHOWSKI, Dariane. O conceito de lugar e suas diferentes abordagens. **Revista perspectiva geográfica.** V. 9, N.11. Uniãoeste. Ponta Grossa-PR 2014. 19 p.

VENTURI, Luis Antonio Bittar. **O papel da técnica no processo de produção científica.** Boletim Paulista de Geografia. São Paulo 2006. Nº 84, p. 69-76.

## ANEXOS

## Anexo A: Resultado da Análise de Solo.

Boletim N°: 020621-03 3625		<b>LSP</b> Laboratório de Análises de Solo e Planta	
<b>ANÁLISE DE SOLO</b>			
N° REQUISIÇÃO:	020621-03	QIDE AMOSTRAS:	01
N° AMOSTRA:	3625	CULTURA:	Flores
CLIENTE:	Associação Comunitária de Pequenos Produtores Rurais de Genipapo	PROPRIEDADE:	Área coletiva da associação
IDENTIFICAÇÃO:	Flores	MUNICÍPIO:	Saúde - BA
DATA DA ENTRADA:	02/06/2021	DATA DO RESULTADO:	08/06/2021

Determinação	Resultado	Baixo	Médio	Alto
Mat. org. (g/kg)	9,4			
C (g/kg)	5,5	NA		
P (mg/dm³)	140			
K <sup>+</sup>	0,53			
Ca <sup>2+</sup>	3,00			
Mg <sup>2+</sup>	2,10			
Na <sup>+</sup>	0,14	NA		
S(bases)	5,77			
H+Al	2,24			
T	8,01			
V	72			

Determinação	Resultado	Interpretação de classe
pH (H <sub>2</sub> O) 1:2,5	6,4	Fracamente ácido
Ext.Sat.C.E./25°C dS/m	0,34	Solos normais
Al <sup>3+</sup> (cmolc/dm³)	0,00	Pouco Nocivo
pH (KCl) 1:2,5	NS	NA
pH (CaCl <sub>2</sub> ) 1:2,5	NS	NA

Equilíbrio de Bases	
Ca <sup>2+</sup> (%)	37,5
Mg <sup>2+</sup> (%)	26,2
Na <sup>+</sup> (%)	1,7
k <sup>+</sup> (%)	6,6
V(%)	72

Relação de Adsorção de Sódio (RAS)	
0,10	

SAT		Micronutrientes (mg/dm³)	
Ca <sup>2+</sup> (%)	37,5	Cu	2,3
Mg <sup>2+</sup> (%)	26,2	Fe	317,1
Na <sup>+</sup> (%)	1,7	Mn	85,9
K <sup>+</sup> (%)	6,6	Zn	4,8
		B	NS
		S	NS

Relação entre bases			
Ca / Mg	Ca / K	Mg / K	(Ca + Mg) / K
1,43	5,69	3,99	9,68

NS = não solicitado      NA = Não se aplica      Referência: EMBRAPA - Manual de métodos e análise de solos, 3ª Edição, 2017.

Extratores: \* Mat. org. - método de Walkley - Black (Silva,1999) \* P, K, Na, Cu, Fe, Mn e Zn → Mehlich (HCl + H<sub>2</sub>SO<sub>4</sub>) \* Ca, Mg e Al → KCl 1 mol L<sup>-1</sup> \* H+Al (Acetato de Cálcio) \* S (Fosfato de Cálcio)

\* Cálculos: Sb = Ca+Mg+Na+K - Soma das bases T = Sb+(H+Al) - CTC a pH 7,0    V% = (S/T)×100 - Sat. Base \* Boro - HCl quente 1 mol L<sup>-1</sup> CE: Condutividade elétrica da pasta de saturação RAS: Relação de adsorção de sódio (RAS=Na+ / (Ca<sup>2+</sup>+ Mg<sup>2+</sup>))<sup>1/2</sup>


Fonte de interpretação de resultados: Modificado de MalaVolta (1992c) e Pereira (1998).

A amostragem correta do solo é de responsabilidade exclusiva do requisitante, bem como, a qualidade da amostra é de fundamental importância para a obtenção de um resultado confiável.

Para melhor interpretação dos resultados, consulte um profissional da área.

"A análise química descreve o estado nutricional do solo. Os seus resultados orientam a correção dos nutrientes e o aumento da sua produtividade".

Petrolina-PE, 08 de junho de 2021.

  
 Michelle A. R. da Silva  
 Técnica em Química  
 CFQ 1ª 07402554

Rua J, s/n Quadra G - Distrito Industrial - CEP: 56.308-436 - Petrolina-PE - Fone: (87) 3863-1245 - e-mail: lasp@valeexport.com.br

Convênio IPA - VALEXPORT - EMBRAPA

Laboratório participante do PAQLF - EMBRAPA SOLOS

## Anexo B: Laudo de Recomendação de Corretivo e Adubação de Solos

### LAUDO DE RECOMENDAÇÃO DE CORRETIVO E ADUBAÇÃO DE SOLOS

IDENTIFICAÇÃO DA AMOSTRA		
AGRICULTOR (A): Ass. Com. de Pequenos Produtores Rurais de Genipapo	DATA COLETA:	-
PROPRIEDADE: Área coletiva	LOCAL: Saúde	REALIZAÇÃO DA COLETA: Agricultor(a)
CULTURA: <b>Roseira</b>	ÁREA: 1 ha	DATA ANÁLISE: 08/06/2021

RESULTADOS - ANÁLISE QUÍMICA DO SOLO							
LEGENDA	V	pH	Ca	Mg	Al	K	P
UNIDADE	%	H <sub>2</sub> O			cmol/dm <sup>3</sup>		mg/dm <sup>3</sup>
ANÁLISE DO SOLO	72,03	6,40	3,00	2,10	0,00	0,53	140,00

MATÉRIA ORGÂNICA
Havendo disponibilidade, aplicar 50 m <sup>3</sup> /ha de esterco de curral ou 25 m <sup>3</sup> /ha de cama de aviário bem curtido visando um completo fornecimento de nutrientes e também para melhorar a estrutura do solo.

MICRONUTRIENTES
Segundo a literatura <sup>1</sup> , um dos principais micronutrientes para a cultura da roseira é o boro (B), tendo relatos de aumento de produção e qualidade das flores da roseira, bem como a redução do número de dias para o florescimento. Entretanto, deve-se ter cautela com a toxidez causada pelo seu excesso.

CALAGEM E GESSAGEM		
TIPO DO CALCÁRIO A SER UTILIZADO	PROFUNDIDADE DE INCORPORAÇÃO	PRNT (%)
DOLOMÍTICO	0 - 20 cm (APLICAÇÃO EM ÁREA TOTAL)	80

QUANTIDADE DE CALCÁRIO <sup>2</sup>	TON/ha	Kg/ha	QUANTIDADE DE GESSO <sup>3</sup>	TON/ha	Kg/ha
-	-	-	-	-	-

<sup>2</sup>NC = CTC(V<sub>2</sub>-V<sub>1</sub>)/100, sendo V<sub>2</sub>=75%. <sup>3</sup>QG = (NC x 0,25) x (superfície coberta [%]/100) x (espessura de ação do gesso/20)

#### REQUERIMENTO NUTRICIONAL

PLANTIO			PLANTIO	CRESCIMENTO	2º ANO	
N	P <sub>2</sub> O <sub>5</sub>	K <sub>2</sub> O	Nitrogenados	Kg/ha	Kg/ha	Kg/ha
80,00	140,00	100,00	Sulfato de Amônio	400	150	225
			Uréia	178	67	100
			Nitrato de Amônio	250	94	141
			Nitrato de Cálcio	571	214	321
CRESCIMENTO			FOSFATADOS	Kg/ha	Kg/ha	Kg/ha
N	P <sub>2</sub> O <sub>5</sub>	K <sub>2</sub> O	Superfosfato Simples	778	139	417
30,00	25,00	15,00	Superfosfato Triplo	341	61	183
			MAP	292	52	156
2º ANO EM DIANTE			POTÁSSICOS	Kg/ha	Kg/ha	Kg/ha
N	P <sub>2</sub> O <sub>5</sub>	K <sub>2</sub> O	Sulfato de Potássio	208	31	94
45,00	75,00	45,00				

#### ORIENTAÇÕES TÉCNICAS

A recomendação de calcário para roseiras é que seja aplicado para elevar a saturação por bases a 70 %, quando o resultado da análise indicar valores menores que 60 %, como o solo encontra-se com 72%, não se faz necessária a correção do pH do solo.

##### Adubação de plantio

- A adubação mineral de plantio ou de formação deve ser feita no dia anterior ao plantio das mudas, incorporada à superfície dos canteiros, juntamente com 15 kg/ha de bórax.
- Atentar para que a adubação mineral de plantio forneça, também, o enxofre (20 a 30 kg/ha de S).

##### Adubação de produção

- Como fonte de potássio deve ser utilizado o sulfato de potássio, evitando-se a adição de cloro, elemento tóxico para a cultura da roseira.
- Com relação ao fósforo, devem ser utilizadas formulações com alta solubilidade em água, aplicadas localizadamente.
- A adubação suplementar de cálcio e magnésio pode ser feita em cobertura aplicada junto à água de irrigação, desde que sejam utilizados, como fonte, fertilizantes solúveis em água (nitratos de cálcio e de magnésio). Antes da aplicação da solução, deve ser feita, se necessário, escarificação do solo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: CAVALCANTI, F.J.A., coord. Recomendações de adubação para o Estado De Pernambuco: 2ª aproximação. 3.ed. Recife, IPA, 2008. 212p.; Manual de adubação e calagem para o Estado da Bahia. 2 ed. Salvador, 1989. 176p.; RIBEIRO, A. C.; GUIMARÃES, P. T. G.; ALVAREZ V., V. H. Recomendação para uso de corretivos e fertilizantes em Minas Gerais – 5ª Aproximação. Viçosa, MG, 1999. 359p.; FURTINI NETO, A.E. et al. Fertilidade do Solo. Lavras: UFLA/FAEPE, 2001. 261p.; NOVAIS, R.F. et al. Fertilidade do Solo. Viçosa: SBCS, 2007. 1050; <sup>1</sup>Zanão Júnior, Luiz Antônio et al. Produção e qualidade de rosas em razão de doses de boro aplicadas no substrato. Revista Brasileira de Ciência do Solo [online]. 2014, v. 38, n. 2, pp. 524-531.

CARLOS VÍTOR OLIVEIRA ALVES  
ENGENHEIRO AGRÔNOMO  
05/07/2021